

Correio das Artes

Suplemento
literário do
Jornal A União

Julho - 2020
Ano LXXI - Nº 5
R\$ 6,00



Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 6,00

- **Viúva revela o economista na intimidade**
- **Artigos passeiam pela carreira do paraibano**
- **Novos livros reavaliam o pensamento do professor**



As lições de Celso Furtado

Nascido há 100 anos, ideias do paraibano permanecem
necessárias no Brasil de hoje

ETERNAMENTE SIVUCA

**2020: Ano
Cultural
Sivuca, na
Paraíba**



Celso Furtado, necessário e atual

No dia em que esta edição de julho ganha vida, neste 26 de julho de 2020, o mundo lembra os 100 anos de Celso Monteiro Furtado. Paraibano nascido no Sertão, que migrou para o Rio de Janeiro em busca de aprimorar seus estudos, Celso se tornou um ícone, um nome de prestígio internacional, cuja voz ecoou ao redor do mundo, sempre com um pensamento: como podemos melhorar o mundo, em especial o Brasil, através de uma política econômica e social?

Estudioso voraz, Celso aprendeu a pensar, e pensando, colocou na mesa a problemática dos países de Terceiro Mundo, etiqueta colada ao Brasil nos anos em que o economista paraibano viajou o mundo buscando apoios e soluções. Sobre tudo para o Nordeste, seu berço, sua casa, que, sabia ele, era um Brasil ainda mais pobre e carente de estrutura dentro de um outro Brasil.

Celebrar os 100 anos de Celso Furtado é lembrar o país

Celebrar os 100 anos de Celso Furtado é lembrar o país que queremos, o que buscamos e, sobretudo, como buscamos um Brasil mais próspero, com menos desigualdades

que queremos, o que buscamos e, sobretudo, como buscamos um Brasil mais próspero, com menos desigualdades. O material que você irá ler a seguir se propõe a mostrar, mesmo que brevemente, que o

pensamento de Furtado segue atual. E necessário.

Aqui, propomos ao leitor um passeio inicial pela vida e obra deste paraibano que se tornou nome de prêmio, cujas ideias são estudadas em mais línguas do que ele próprio, poliglota, aprendeu a falar.

Aspectos biográficos, artigos de quem o conheceu de perto, uma entrevista exclusiva com a viúva e guardiã do seu legado, a jornalista Rosa Freire D'Aguiar, e até mesmo a transcrição de um discurso que ele fizera para toda uma geração de futuros novos economistas, em 1997, numa gentileza da equipe do projeto Editorial Cem anos de Celso Furtado, e que continua atualíssimo, são algumas das ferramentas que oferecemos para lembrar que mais que fundamental, Celso Furtado é necessário em 2020.

Boa leitura!

O editor
editor.correiodasartes@gmail.com

índice



NA PRÓPRIA VOZ

Francisco Gil Messias é um leitor voraz de biografias, cartas, diários e memórias. Aqui ele aborda as maravilhas desse material.



CLARISSER

Em sua coluna, a professora Analice Pereira reflete sobre a solidão na literatura, tanto do ponto de vista de quem lê, quanto de quem escreve.



REINALDO MORAES

Na coluna Festas Semióticas, Amador Ribeiro Neto analisa 'Maior Que o Mundo', novo livro do autor de 'Pornopopéia'.



TEMA DELICADO

Em um ensaio de Irani Medeiros, o autor procura, à luz da filosofia, da arte e do pensamento grego, as razões para o suicídio.



OUVIDORIA:
99143-6762



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albiege Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

Correio das Artes
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA
EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

Paulo Sérgio de Azevedo
DIAGRAMAÇÃO
Domingos Sávio
ARTE DA CAPA

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

Há 100 anos, a Paraíba dava ao Brasil um porta-voz da realidade social e econômica do Nordeste

André Cananéa
Editor do *Correio das Artes*

celso f

FOTO: ARQUIVO/AE

Artado

Há exatos 100 anos, nascia em Pombal, no sertão da Paraíba, um dos maiores pensadores da economia no Brasil, e um dos mais prestigiados no mundo. Celso Furtado fez história: partiu do Sertão para o Rio de Janeiro, estudou, se formou e ganhou o mundo. Foi reconhecido em universidades de prestígio e, acima de tudo, atraiu os olhos de autoridades internacionais para o Nordeste, seu berço.

Segundo de oito filhos do casal Maurício de Medeiros Furtado, jovem advogado que seguiria carreira na magistratura até se tornar desembargador, e Maria Alice Monteiro, moça vinda de uma próspera família de proprietários de terra, Celso Furtado veio ao mundo no dia 26 de julho de 1920.

Passou boa parte da infância em Pombal, quando, aos sete anos se mudou com a família para a capital, a então Cidade da Paraíba. “Eu venho de um mundo que me parecia catastrófico. Pombal é das cidades mais ásperas do sertão. Região seca, de homens secos. Muito menino, eu olhava pela fresta da janela a chegada dos cangaceiros”, recordou certa vez.

O seu aniversário de 10 anos teve mais que bolo. Enquanto soprava velas, João Pessoa era assassinado na confeitaria Glória, em Recife. Foi um aniversário que ele nunca esqueceu. “O governador João Pessoa era tido como uma espécie de santo. Quando foi assassinado, as pessoas saíram às ruas em procissões. Foi no dia 26 de julho de 1930, em que eu completava dez anos. As empregadas da casa me levaram a essas manifestações cívicas, que mostravam a revolta contida do povo”.

Na capital, estudou no Liceu Paraibano, mas concluiu seus estudos secundários no Ginásio Pernambucano, no Recife. Em 1936, aos 16 anos, já dava aulas de geografia e português e dirigia cursos noturnos de es-



Celso Furtado (direita) durante reunião da Sudene em Recife.

colas públicas. Aos 19, desembarcava no Rio de Janeiro para dar seguimento aos estudos.

Foi lá, na então Capital Federal, que cursou Direito e ensaiou uma carreira de jornalista, escrevendo para a prestigiada Revista da Semana. Aos 23 anos, foi aprovado no concurso do DASP (Departamento Administrativo do Serviço Público) e, em 1944, fez o CPOR (Centro de Preparação de Ofi-

ciais da Reserva), quando foi convocado para a Força Expedicionária Brasileira, o que lhe deu uma passagem para Itália onde, com a patente de aspirante a oficial, desembarcou na Toscana. Lá, sofreu um acidente durante a ofensiva final dos aliados no Norte da Itália, durante a 2ª Guerra Mundial.

Não iria demorar para que o paraibano de Pombal que crescera na efervescente primeira metade do século 20 voltasse ao exterior, desta vez como o premiado vencedor do Franklin D. Roosevelt, promovido Instituto Brasil-Estados Unidos. O ensaio “Trajetória da Democracia na América”, que escrevera aos 26 anos de idade, carimbou o passaporte de Celso Furtado para a França, de onde enviava reportagens para a Revista da Semana e outras publicações brasileiras, enquanto cursava Economia. Ao concluir o doutorado em Economia pela Universidade da Sorbonne, em Paris, em 1948, voltou ao Brasil, retomou seu expediente junto ao DASP e se tornou um dos economistas da Fundação Getúlio Vargas.

A virada dos anos 1949 para ▶

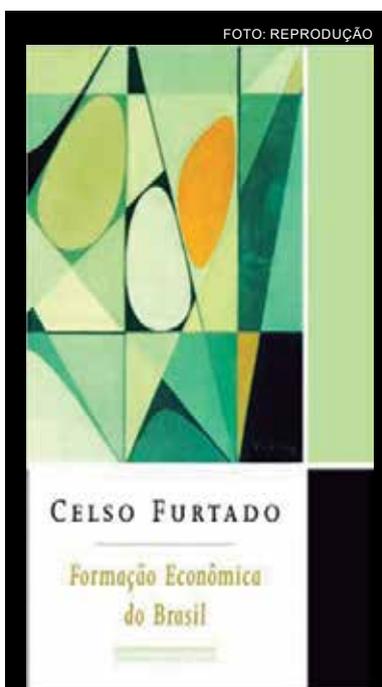
O ensaio “Trajetória da Democracia na América”, que escrevera aos 26 anos de idade, carimbou o passaporte de Celso Furtado para a França

▶ o 1950 seria de muita agitação na vida do jovem Celso Furtado, que iria se casar, ter seu primeiro filho e assumir um lugar na Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), o que iria lhe levar a uma série de missões internacionais ao redor do mundo, já como Diretor da Divisão de Desenvolvimento, inclusive em universidades nos Estados Unidos.

É no início dos anos 1950 que seu pensamento sobre economia começa a se destacar. Datado de 1952, "Formação de Capital e Desenvolvimento Econômico" é seu primeiro artigo de circulação internacional, traduzido para o International Economic Papers, da Associação Internacional de Economia. E é como presidente do Grupo Misto Cepal-BNDE que elabora um estudo sobre a economia brasileira, com ênfase especial nas técnicas de planejamento. O relatório se torna a base do Plano de Metas do governo do então presidente Juscelino Kubitschek.

Entre 1957 e 1958, Celso Furtado foi professor convidado no King's College da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, onde escreve seu mais famoso livro: *Formação Econômica do Brasil*. De volta ao Brasil, é nomeado, por Kubitschek, interventor no Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste. É quando desenvolve o estudo "Uma Política de Desenvolvimento para o Nordeste", origem da criação, em 1959, da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), com sede no Recife.

A Sudene marcaria a carreira de Celso Furtado, da mesma forma como o órgão seria marcado pelo seu superintendente; é difícil pensar um sem o outro. Encontros com o então presidente John Kennedy (na Casa Branca, em Washington, EUA) e com o então ministro Ernesto Che Guevara (quando



Entre 1957 e 1958, Celso Furtado foi professor na Universidade de Cambridge, na Inglaterra, onde escreveu seu mais famoso livro: 'Formação Econômica do Brasil'

este, chefe da delegação cubana à conferência de Punta del Este, discutiu com o paraibano o programa da Aliança para o Progresso), estiveram na pauta do gestor, que deixou a Sudene em 1962 para se tornar o primeiro titular do Ministério do Planejamento, agora no governo do presidente João Goulart.

No ano seguinte, voltou para a Sudene. É quando, efetivamente, implanta a política de incentivos fiscais para os investimentos na região. Mas com o Ato Institucional nº 1, publicado três dias após o golpe militar de 31 de março de 1964, os direitos políticos de Celso Furtado foram cassados, levando o paraibano a exilar-se no exterior.

Depois de passar pelo Chile e Estados Unidos, onde ministrou algumas conferências e deu aulas, o paraibano de Pombo se estabeleceu na França, em 1965, a convite da Faculdade de Direito e Ciências Econômicas da Universidade de Paris, onde ficaria por 20 anos. Lá, se tornou o primeiro estrangeiro nomeado para uma universidade francesa (por decreto do general de Gaulle) e se tornou titular da disciplina de Desenvolvimento Econômico.

Celso Furtado passou os anos seguintes viajando pelo mundo, em uma bem-sucedida carreira acadêmica voltada à econômica. Só a partir de 1979, quando votada a Lei da Anistia, ele retornou ao Brasil a ponto de se reestabelecer na pública do país. É por essa época que ele se torna membro do Diretório Nacional do PMDB e casa-se com a jornalista Rosa Freire d'Aguiar.

É nos anos 1980 que Celso integra a Comissão do Plano de Ação do Governo do recém-eleito presidente Tancredo Neves e torna-se embaixador do Brasil junto à Comunidade Econômica Européia. Ainda na primeira metade dos anos 1980, ele integra ▶

► a Comissão de Estudos Constitucionais, presidida por Afonso Arinos, para elaborar um projeto de nova Constituição.

Já sob a presidência de José Sarney, Celso Furtado é nomeado ministro da Cultura, em 1986. A gestão do paraibano seria marcada pela aprovação da primeira lei de incentivos fiscais à cultura. Mas passou pouco tempo no cargo: em julho de 1988, pediu exoneração da pasta, retornando às atividades acadêmicas no Brasil e no exterior.

A partir dos anos 1990, vem a consagração de um pensador econômico e social que brilhantemente levou a problemática do Brasil para o mundo e, nele, buscou soluções para o país, sobretudo o Nordeste.

É nessa década que Celso Furtado participou de comissões políticas internacionais, integrou a Comissão Mundial para a Cultura e o Desenvolvimento (numa parceria entre a ONU e a Unesco) e foi celebrado, em 1997, com o congresso internacional “A Contribuição de Celso Furtado para os Estudos do Desenvolvimento”, reunindo especialistas do Brasil, Estados Unidos, França, Itália, México, Polônia e Suíça.

Nesse mesmo ano, foi criado - pela Academia de Ciências do Terceiro Mundo, com sede em Trieste (Itália) - o Prêmio Internacional Celso Furtado, conferido a cada dois anos ao melhor trabalho de um cientista do Terceiro Mundo no campo da economia política. Como se não bastasse, em agosto de 1997 foi eleito para a cadeira nº 11 da Academia Brasileira de Letras.

Em 2003, ano anterior à sua morte, Celso Furtado também foi eleito para a Academia Brasileira de Ciências e, em novembro daquele ano, o Senado aprovou a indicação da candidatura do paraibano para o Prêmio Nobel de Economia, por suas teorias sobre os países em desenvolvimento.

O menino de Pombal, que viu a chegada dos cangaceiros pela fresta da janela, que foi à rua no aniversário de 10 anos em meio a revolta que se estabeleceu pela morte de João Pessoa, que foi recebido pelo presidente John F. Kennedy na Casa Branca, que se tornou um dos maiores acadêmicos do mundo, tendo seu pensamento estudando em renomadas universidades de todo o planeta, que chegou a ser indicado pelo Senado ao Nobel de Economia, que foi dois duas vezes minis-

tro, o imortal da Academia Brasileira de Letras passou seus últimos anos de vida no Rio de Janeiro, cidade que o abraçou ainda na terna idade.

Foi lá, em seu apartamento em Copacabana, que Celso Furtado morreu, em 20 de novembro de 2004, aos 84 anos de idade, em decorrência de um colapso cardíaco. Seu corpo foi enterrado, no dia seguinte, no Mausoléu dos Imortais da Academia Brasileira de Letras, no cemitério São João Batista, no Rio. ✦



André Cananéa é jornalista. Edita o *Correio das Artes* desde maio de 2019. Também é editor-geral do jornal *A União*. Mora e trabalha em João Pessoa - PB.

“É necessário pensar com coragem”⁽¹⁾

Celso Furtado

FOTOS: REPRODUÇÃO



Transcrito pela pela equipe do projeto Editorial Cem Anos de Celso Furtado e revisado pela viúva de Celso, a jornalista Rosa Freire d'Águiar, a partir de uma gravação feita pelo IEE, Unicamp (SP), esta mensagem direcionada aos estudantes que participaram do 24º Encontro de Estudantes de Economia (Eneco), realizado no Instituto de Economia da Unicamp, entre 20 a 26 de julho de 1997, permanece bastante atual.

C ONFIRA

Desejo, em primeiro lugar, saudar os jovens congressistas agora reunidos em Campinas.

É muito importante que os jovens compreendam que sua responsabilidade será muito grande. Maior, talvez, do que foi a nossa, a da minha geração. Porque o Brasil, hoje em dia, enfrenta pro-

blemas desafiantes, problemas difíceis, e as possibilidades de cooperação internacional já não são as mesmas. Portanto, é necessário pensar, usar a imaginação, e pensar com coragem. O economista não é um profissional qualquer. Ele tem uma participação num ponto sensível da vida social, e

isso o compromete com valores.

O economista não pode ser apenas quem venda serviços. Ele tem de ser alguém que transmita uma mensagem, baseada em valores, em uma visão do social. Uma visão do país, como é o objetivo desse encontro de vocês. Um novo projeto para o Brasil. ▶

“

O economista não pode ser apenas quem venda serviços. Ele tem de ser alguém que transmita uma mensagem, baseada em valores, em uma visão do social.

› Sem coragem, sem audácia, sem capacidade, principalmente, de arriscar, não se governa. E essas virtudes são, sobretudo, da gente jovem. Por isso eu apelo para a juventude brasileira, para que hoje construa o Brasil com coragem, com audácia. Não se deixe limitar pelo temor ou pelas dificuldades conjunturais, pelas dificuldades de arranjar emprego, que hoje em dia são óbvias.

Desejo boa sorte a todos, e que, acima de tudo, lembrem-se de que são jovens e têm de pensar de novo o Brasil, com as responsabilidades dos que vão assumir o poder no futuro.

O desafio que vocês estão enfrentando neste congresso é o de pensar um novo modelo para o Brasil. Na minha geração, encontramos um desafio idêntico. A batalha era a de convencer que não havia saída fora de uma política de desenvolvimento. Ou há um compromisso com o desenvolvimento ou não avançamos. E mais ainda: não havia desenvolvimento naquela época que não passasse pela industrialização. Então havia que convencer de uma necessidade de industrialização, para modernizar o Brasil. Isso foi o problema de uma certa época. Hoje em dia vocês estão dentro de uma problemática nova. Portanto, pensar um novo modelo traz desafios novos. Não é apenas pensar o que foi o Brasil.

Eu contribuí com algo para essa compreensão. Dediquei minha vida a explicar o que eram o Brasil, seus problemas etc. Escre-

FOTO: ARQUIVO A UNIÃO



vi um livro, publicado em 1959, que se chama *Formação Econômica do Brasil*. Nesse livro, se trata de ligar a história do Brasil ao contexto internacional. O que é de mais marcante no livro é essa percepção clara de que nada do que ocorre no país se entende plenamente se não temos uma percepção global do quadro internacional, das forças que interferem lá fora. Essa é a mensagem que deixei nesse livro.

Posteriormente escrevi outro livro que se chama *Brasil, a Construção Interrompida* [1992]. Isso faz uns 10 anos, quando colocávamos o problema de saber se havia no Brasil outra política viável de desenvolvimento. A construção estava interrompida no sentido de que não havia mais criação de empregos. E de que o setor dinâmico da economia, que era o setor industrial, estava parado. E as necessidades da população Brasil estavam se agravando. A insatisfação social era crescente. O desejo de inova-

ção era enorme. Esse foi o painel que apresentei 10 anos atrás.

Hoje em dia me alegra muito saber que é uma geração nova que está pensando tudo isso. E que essa geração, com vocês, está fazendo um congresso para pensar um projeto novo para o Brasil. Nunca esqueçam de que o Brasil é uma país em construção. Não é um país já feito, precisando só tocar nos detalhes. É um país onde há um grande desafio que se apresenta aos economistas, porque ele é um país em fabricação.

O futuro deste país, qual será? É preciso pensar, primeiramente, o contexto internacional. Esse foi o método que adotei: primeiro ter em conta as forças globais que atuam no mundo. Ora, se eu olho hoje em dia para essas forças, vejo que nós estamos perdendo terreno. É impressionante ver, por exemplo, quando se compara o quadro do comércio internacional dos últimos cinco anos, e se situa o Brasil, que o Brasil não só cresceu menos do que o comércio internacional, como cresceu muito menos que o comércio dos países do Terceiro Mundo, dos chamados subdesenvolvidos. Nós perdemos terreno duplamente. Como explicar isso se somos um país que apresenta uma constelação riquíssimas de recursos? Somos um país com um potencial enorme. Somos o único país do mundo onde há uma fronteira agrícola aberta. Somo

“

Sem coragem, sem audácia, sem capacidade, principalmente, de arriscar, não se governa. E essas virtudes são, sobretudo, da gente jovem.

▶ o único país com a possibilidade de um mercado interno considerável. Não é fácil encontrar um país com as potencialidades e já com o capital humano de que dispõe o Brasil.

Como explicar que tenhamos passado 10 anos parados? Isso eu dizia já há dez anos atrás. E hoje constato que não se modificou muito a situação. Particularmente no que diz respeito ao nosso pouco dinamismo no setor externo. Somos uma nação com enormes possibilidades. Temos um mercado em potencial amplíssimo. Mas temos que aceitar que somos a maior massa de miséria do hemisfério, a maior de pobreza.

É evidente que a nova geração terá que enfrentar problemas sérios e graves. Mas eu confio na capacidade dessa geração nova, porque estou vendo as iniciativas que estão surgindo. A de vocês fazendo um congresso com a coragem de colocar o problema maior. Não se trata de seguir, se trata de criar um projeto novo. E também o fato de que estão surgindo publicações novas. Estão surgindo seminários. Estão surgindo, digamos assim, as iniciativas mais variadas, o que indica que existe uma grande insatisfação, uma ansiedade por inovar. E isso é, na verdade, uma coisa muito positiva.

Bem, mas precisamos ser realistas. Não adianta querer simplificar os problemas. Eles não vão ficar de mais fácil solução porque os simplificamos. Indubitavelmente no Brasil, como em qualquer parte do mundo, hoje em dia o espaço ocupado pelo governo se reduziu. O Estado nacional tem uma área menor. Na minha época, o Estado brasileiro dispunha de uma capacidade de poupança e de investimento muito maior do que hoje. Por outro lado, nenhum Estado, no passado, se submetia a um processo de endividamento tão desordenado como o que vemos hoje.

Hoje, realmente, os Estados, como o brasileiro, se financiam, de preferência, no exterior. Claro, as taxas de juros são mais baixas lá fora, e existe liquidez internacional abundante, mas isso representa riscos muito

“

Isso faz uns 10 anos, quando colocávamos o problema de saber se havia no Brasil outra política viável de desenvolvimento. A construção estava interrompida no sentido de que não havia mais criação de empregos. E de que o setor dinâmico da economia, que era o setor industrial, estava parado. E as necessidades da população Brasil estavam se agravando. A insatisfação social era crescente. O desejo de inovação era enorme.

grandes. Vimos o que se passou no México. A qualquer momento pode haver mudança na conjuntura internacional e nós sermos colocados contra a parede. Aí é que veremos como temos pouco comando sobre a nossa macroeconomia. Essa é a novidade do mundo moderno, é que os Estados nacionais já não têm a mesma consistência com a mesma capacidade de controle das alavancas de poder que tinham no passado.

Já hoje em dia ninguém mais pode imaginar, digamos assim, se contrapor às forças das finanças internacionais. Eu vivo na Europa e já presenciei um país

como a França ser colocada contra a parede, sob pressão, do sistema financeiro internacional. De um dia para a noite saem US\$ 50 bilhões de um país. Portanto, o poder real, hoje em dia, está internacionalizado. E o Estado moderno atua com limitações que são reconhecidas aqui como nos Estados Unidos.

Isso é menos visível num país como os Estados Unidos porque têm a possibilidade de se endividar de forma ilimitada. Cada ano que passa os americanos se endividam em US\$ 100 bilhões. Isso aí eles podem fazer porque emitem a moeda que é de circulação internacional. Mas os outros países, mesmo poderosos como a Itália, o Japão, e a Alemanha não têm essa possibilidade. Portanto, suas políticas estão condicionadas por limitações que decorrem da preeminência do poder financeiro internacional.

Não se trata de ignorar isso e de imaginar que vamos fechar o Brasil novamente, que vamos voltar ao passado, como quando o governo controlava as importações e exportações e o setor financeiro internacional era disciplinado, monitorado pelo Banco Mundial, pelo Banco Interamericano. Nada disso. Temos que reconhecer que, no mundo moderno, a tecnologia adquiriu uma autonomia muito grande de processo tecnológico. E as consequências disso são que as forças sociais já não têm a mesma capacidade de ação. Porque, no passado, a tecnologia também era importante. Mas havia um contrapeso social. E esse contrapeso social, que eram as organizações da sociedade civil, se manifestava numa autonomia de ação. Todos os países da Europa tinham uma política de bem-estar muito avançada e hoje em dia já não podem ter essa política de bem-estar porque já não podem financiá-la.

Nós aqui no Brasil tivemos uma política de financiamento de infraestrutura muito avançada com o BNDES e outras instituições de crédito oficiais. Hoje em dia não temos mais isso porque nós dependemos do refinanciamento internacional, que é controlado, digamos, de fora, ▶

► e nos obriga a aceitar um custo muito grande financeiro, porque grande parte do que se produz hoje no Brasil é para pagar juros. Não esquecer isso. E esses juros são ditados lá fora. E se o Brasil não adota uma taxa de juros elevada, os capitais não vêm ao Brasil. Eles saem daqui. E o próprio capital brasileiro escapa daqui e vai investir fora. E já não se tem mais controle sobre isso.

Nós economistas temos que ter percepção de tudo isso. Não adianta se autoenganar com facilidades e simplificações. É ver o outro como ele é, realmente. Sempre partindo do princípio de que o juiz final somos nós. Ou temos um projeto próprio, ou seremos uma força inerte, um brinquete, um brinquete dos outros. E essa força nossa decorre não só de uma compreensão dos nossos problemas, mas de uma vontade política nossa. Os economistas são chamados hoje em dia para exercer uma missão inversa à do passado. É de esclarecimento e de inovação no plano geral, não somente da economia, não. No plano da política! Não pensemos que se pode separar política da economia ou a economia da política. Tenhamos sempre em conta que a política, como se diz há muito tempo, é a arte do que é possível. E o que é possível decorre das forças sociais que estão atuando. E essas forças sociais são, em grande parte, comandadas de fora. É preciso ter consciência das limitações que enfrentamos.

Criticar é fácil. Eu digo, por exemplo, que vemos o governo tomar tantas medidas que nos parecem suficientes e outras que nos parecem erradas. Eu, que tenho o sentido crítico e que olho de fora, que vivo, em parte, fora do Brasil, tenho percepção de tudo isso. Mas não me deixo levar pela facilidade de uma crítica simples. Eu sei que os que estão no poder também estão enfrentando limitações.

Não se pode esquecer que problemas graves existem no mundo inteiro. Não é só o Brasil que enfrenta dificuldades para crescer, para se adaptar à situação de revolução tecnológica. Eu vivo na Europa, fui 20 anos professor na França, nos Estados Unidos, na Inglaterra, e estou acompanhando também a situação interna-



“

Os problemas deles (os europeus) são principalmente os da exclusão social. O sistema moderno não cria emprego. Vejam os países da Europa Ocidental. Já, há muitos anos, eles não criam nenhum emprego.

cional. E existe uma grande angústia, uma grande certeza com relação ao futuro. Ora, os problemas deles são principalmente os da exclusão social. O sistema moderno não cria emprego. Vejam os países da Europa Ocidental. Já há muitos anos eles não criam nenhum emprego. Vivem acumulando estoques de gente excluída e enfrentam o problema da exclusão social em escala crescente. E

terão que reformar seu modelo social. Eles terão que provavelmente redesenhar a semana de trabalho. E abrir espaço para a inventividade humana em áreas não convencionais. Quer dizer, é preciso inovar. Eles na Europa têm grandes dificuldades de abandonar os padrões clássicos deles. Porque são economias já muito desenvolvidas, com uma grande inércia.

Nós temos uma problemática grave, mas temos muito mais possibilidades. Primeiramente somos um país com a fronteira agrícola aberta. Isso não existe no mundo. E esse chamado Movimento dos Sem-Terra, por exemplo, vem nos alertar para o fato que há muito brasileiro querendo voltar para a agricultura. Isso não existe no mundo. Isso de gente querendo voltar para a agricultura há muitos anos não se apresenta. Aqui, existe.

Portanto, temos uma problemática própria nossa. Não podemos ficar presos a modelos já estabelecidos, convencionais. Por isso é que eu digo que os jovens precisam voltar a ter influência, e exercer sua influência através da imaginação. Porque a juventude tem duas virtudes: o uso corajoso da imaginação e pouco peso do passado. E é nesse sentido que eu acho que vocês, da geração nova, estão chamados a um grande desafio. Vamos inventar um modelo novo para o Brasil. Que tenha em conta a necessidade de empregar, mas tenha também em conta a necessidade de diversificar o horizonte de possibilidades do homem. Criar uma sociedade mais humana. Um maior compromisso com os destituídos, com os pobres. E principalmente com as mulheres, que ainda são excluídas na sociedade. E com as crianças.

Desejo um bom futuro e tenho fé em que vocês vão aceitar esse desafio. Eu, com a idade que tenho, com a experiência que vivi, estou confortado. Sei que vocês vão sair daqui de Campinas com a bagagem cheia, renovada, e dispostos a continuar a briga da construção do Brasil.

Muito obrigado. ✖

(1) Mensagens aos estudantes que participaram do XXIV Encontro de Estudantes de Economia (Eneco), realizado no Instituto de Economia da Unicamp de 20 a 26 de julho de 1997.

Rosa Freire d'Aguiar

Jornalista e tradutora

Naná Garcez
nanagarcez@epc.pb.gov.br

Bastante ativa na preservação da memória e do legado do marido, Celso Furtado, a jornalista e tradutora Rosa Freire d'Aguiar privou da intimidade do economista por 26 anos. Aqui, nesta entrevista **exclusiva ao Correio das Artes**, ela conta como era Celso Furtado na vida doméstica.

Ela revela que, para ele, o lazer era a leitura e que para além de Marx, Keynes e Karl Mannheim, gostava de Thomas Mann e Aldous Huxley (o primeiro, um dos maiores romancistas do século 20; o segundo, um dos mais



Rosa Freire d'Aguiar: desde que Celso faleceu, em 2004, ela tem se empenhado para que a obra do economista esteja disponível às novas gerações

célebres autores de ficção científica).

Aborda, também, os reinícios do paraibano quando, por exemplo, teve seus direitos políticos cassados aos 43 anos de

idade e conta como era conciliar sua carreira de correspondente internacional com a agenda de Celso Furtado, sempre viajando pelo mundo em conferências e compromissos de trabalho.

8

PERGUNTAS

Ao se pesquisar sobre Celso Furtado, observa-se que ele está mais em eventos técnicos, seminários, palestras, solenidades, ou seja, em momentos formais. Como era a vida social, o lazer preferido?

Celso era uma pessoa reservada. Como, talvez, os nascidos no sertão. Não que fosse tímido, nem um pouco. Mas a primeira atitude era a de reserva, de cerimônia. Aos poucos, ia se abrindo, sem-

pre ouvindo antes de falar. Nunca foi de ter muita "vida social" — pelo que hoje a expressão significa. Seu lazer preferido era ler. Lia muito, em geral com música clássica tocando baixinho no rádio ou num CD. Também costumava trabalhar ouvindo música clássica. Mas os lazeres mudam ao longo da vida, como é natural. Quando foi para o Rio, jovem de 19 anos, nos anos 1940, creio que o principal lazer eram os concertos e óperas no ▶

► Teatro Municipal, na Escola Nacional de Música. Nos anos em que morou na França, no fim dos 40, descobriu o teatro e não perdia uma peça, do teatro clássico ao de vanguarda. Durante a vida toda também íamos muito ao cinema. Enfim, creio que os lazeres eram esses.

O economista Celso Furtado teve vários reinícios de vida. Talvez a saída da Sudene e cassação dos direitos políticos, em 1964, tenham sido as mais duras. Ele era uma pessoa amargurada?

Não era amargurado. Em 1964, ele foi cassado por motivos difíceis de se entender. Não estava fazendo “agitação” política, não era de nenhum partido de esquerda que os militares tanto perseguiram, nunca foi envolvido — nem ele nem os sudenianos da época em que ele criou e dirigiu a Sudene — em nenhum caso de corrupção. Rigorosamente nenhum. Portanto, sua cassação deve ter obedecido a outros desígnios, talvez de certa classe política nordestina. Claro que, aos 43 anos, ser privado de direitos políticos e civis, ter de partir para o exílio, sem emprego, com família, ter de refazer a vida, sempre seria motivo para amargura. No entanto, Celso foi poupado desse sentimento no nível pessoal. Muitas vezes o vi, sim, amargurado, mas com o Brasil, com os rumos deletérios que tantas vezes nossos políticos tomaram (e tomam).

A capacidade técnica do parai-bano era sempre muito reconhecida. Quando foi convidado por universidades americanas, foi notícia de jornal nos Estados Unidos. Aliás, recebeu convites de diferentes instituições europeias e sul-americanas. Celso Furtado se adaptava com rapidez às novas circunstâncias?

Sim, perfeitamente. Saiu em 1964 e foi ser pesquisador na Universidade de Yale, onde ficou por um ano. Depois seguiu para a França, onde, na Universidade da Sorbonne (em que se doutorara anos antes), lecionou por 20 anos. Nunca tinha sido propriamente professor universitário,

mas se adaptou perfeitamente, sempre muito interessado na nova vida, na nova profissão, e mesmo na necessidade de mudar de idioma, ora lecionando em francês, ora em inglês, quando esteve em Cambridge, na Columbia, na American, ora em espanhol.

Fiz uma visita ao Centro Internacional Celso Furtado (CCCF) e estive na biblioteca. O acervo bibliográfico dele era muito grande. Quais os autores preferidos e como está este acervo?

Como com os lazeres, essas preferências foram mudando no correr dos anos, o que acontece com todos nós. Eu diria que tinha suas preferências tanto na área acadêmica como de literatura. Nas leituras de ciências humanas e sociais (aqui incluindo a economia, a filosofia, a cultura) ele tinha apego pelas obras de Marx, Keynes, Karl Mannheim, Max Weber, Sombart, Braudel, mas também Nietzsche e Platão, sendo que este o acompanhou a vida toda em seu leque de leituras. Na literatura, eu citaria Thomas Mann, Aldous Huxley, Somerset Maugham, todos os grandes latino-americanos, Malraux, Camus. A lista é longa. Os arquivos de Celso, de que sou herdeira, doei-os ano passado para o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da USP. A biblioteca, com cerca de 14 mil volumes, também doei ao IEB. Por ora, estão à espera de catalogação.

A retirada do Centro Cultural

da sede do BNDES, em 2018; a mudança de nome do Centro Acadêmico de Estudantes de uma universidade e de um setor da Petrobrás lhe preocupou e lhe motivou a mais e mais enfatizar a relevância do pensamento de Celso Furtado para o Brasil, em especial para uma camada mais jovem?

São situações diversas. O Centro Internacional Celso Furtado teve muitos anos sua sede em duas salas que o BNDES nos cedeu. Quando veio o governo Temer, a então presidente do banco nos pediu para sair, pois iam entregar as várias salas (entre elas as duas nossas) e transferir todos os funcionários para a sede antiga. Nós não éramos, nunca fomos funcionários do banco. Saímos, mas graças ao empenho do presidente do Centro, o ex-senador Saturnino Braga, conseguimos um ótimo espaço no prédio do Clube de Engenharia, no centro do Rio, onde estamos. O episódio da mudança de nome do Centro Acadêmico foi uma decisão dos próprios alunos. Evidentemente, considerei uma descortesia, até porque eles fizeram questão de rebatizar - como se fosse uma “desforra” - o centro acadêmico com o nome de Roberto Campos, que, em outras épocas, foi amigo de Celso, mas depois enveredou pelo neoliberalismo. Mas é uma decisão de estudantes. Quanto à Termelétrica Celso Furtado, que foi assim batizada algum tempo depois da morte dele, foi uma manobra da Petrobrás, neste atual governo, para “desbatizar” ►

FOTO: ACERVO PESSOAL



Rosa e Celso se conheceram na França, onde a jornalista era correspondente da revista IstoÉ

► a dezena de termelétricas que homenageavam pessoas de esquerda, como Celso, Mario Lago, Rômulo Almeida e, até mesmo, Aureliano Chaves, que nada tinha de homem de esquerda. O espantoso é que a Petrobras tenha tempo a perder com o que tem todo o jeito de mesquinha. Alegaram que as famílias não teriam dado autorizações, o que feriria a Lei de Propriedade Intelectual. Não é verdade: demos, sim, autorização para uso do nome.

Foram 26 anos de casamento. Você tinha antes uma atividade profissional – jornalista e tradutora -, e a manteve ao longo do tempo. Como conciliou as suas obrigações com a rotina dele, que ora estava no Brasil, ora na Europa, em universidades e cargos?

Cada um manteve a sua rotina. Quando nos conhecemos, eu era jornalista, correspondente na França da revista IstoÉ. Viajava muito, por toda a Europa, Oriente Médio. Celso, de seu lado, também começava a ir mais vezes ao Brasil, por temporadas mais longas. As viagens nunca foram problema, cada um fazia as suas, profissionais, e nós dois fazíamos as nossas, pela Europa, Ásia, Brasil. Claro que algumas viagens que fiz – como a cobertura da guerra do Líbano, ou as manifestações do movimento pacifista em alguns países europeus – o deixavam muito preocupado com a minha “segurança”. Mas íamos nos adaptando. Viajamos muito, sempre. Vez por outra, eu conseguia acompanhá-lo em suas atividades acadêmicas fora de Paris. E ele, algumas vezes, me acompanhou em minhas viagens profissionais, como a festivais de cinema no sul da França. Quando Celso foi ser embaixador do Brasil em Bruxelas, junto à Comunidade Europeia, tive alguma restrição no meu trabalho de correspondente: parei de cobrir política internacional (era o meu forte) e economia, para não criar conflitos. E, quando retornamos ao Brasil e ele assumiu o Ministério da Cultura, tive convites para continuar no jornalismo, mas achei que era in-

compatível com o cargo de Celso. Como mulher do ministro, eu conversava com a altíssima cúpula em jantares, reuniões, tinha acesso a certas pessoas, a certas futuras decisões do governo que exigiam reserva: se eu as publicasse num jornal, no dia seguinte, estaria faltando com esse dever de reserva. E, se não as publicasse, seria má jornalista. Foi quando comecei a traduzir para algumas editoras e me enfronhei no mundo editorial. Nesse ofício, foi ainda mais fácil conciliar a vida do casal.

Você organizou textos inéditos, anotações de Celso Furtado e está em fase de conclusão das correspondências que ele manteve com pessoas e instituições. O que de novo está por vir?

Desde que Celso morreu, em 2004, propus-me a fazer um esforço para que sua obra estivesse sempre disponível às novas gerações. Senão toda, ao menos os livros que considero mais importantes, a começar pelo *Formação Econômica do Brasil*. Fiz, nesses 16 anos, edições definitivas de alguns títulos; fiz também uma coleção chamada “Arquivos Celso Furtado”, para a qual preparei seis livros, com arquivos dele nas áreas da Cultura, Planejamento, Sudene, Atividades de Professor. Fiz, ainda, duas coletâneas, uma de que gosto muito chamada “Essencial Celso Furtado”, pela Companhia das Letras/Penguin. Com essa mesma editora fechei dois livros para o centenário. O primeiro lancei em novembro, e são os *Diários Intermitentes de Celso Furtado*. É um material inédito de extrema riqueza, e cobre 65 anos de diários e anotações feitas por Celso. Vale lembrar que foi em Tambaú, nos idos de 1937, que Celso, um belo dia, resolveu começar um “diário”. Ele comprou um caderno grande, pautado, e ali começou a escrever o que lhe parecia importante.

O segundo livro que propus à Companhia das Letras é uma seleção da “Correspondência intelectual de Celso Furtado”. O livro está pronto, mas, tendo em vista a crise sanitária e o confinamento, vamos lançar só no início do ano que vem. Sem modéstia (até porque as cartas não são minhas), posso dizer que o livro está um espetáculo.

No seu sentir, qual o grande legado de Celso Furtado?

Permito-me lembrar algo que escrevi uma vez sobre Celso. Ele morreu aos 84 anos cercado de reconhecimento por seus aportes à teoria econômica, à economia política, aos determinantes e desafios do desenvolvimento. Convergem as apreciações que o apontam como autor indispensável nas áreas de economia do desenvolvimento, teoria econômica, planejamento, economia brasileira, cultura, questão regional, capitalismo, globalização. Gostaria de ressaltar quatro vertentes de sua obra, que considero que formam seu legado: (1) o teórico da problemática do subdesenvolvimento, que é a ideia sintetizadora de suas reflexões de economista; (2) o economista agindo como historiador, que soube perceber a importância dos processos históricos para explicar as raízes e estruturas do subdesenvolvimento brasileiro; (3) as ações e propostas em torno da questão regional, por ele muito bem explicitada nos anos em que criou e esteve à frente da Sudene (1958-64); (4) o teórico da dimensão cultural do desenvolvimento, tema que ele foi um dos primeiros, senão o pioneiro, a estudar, certo de que não é possível se falar em enriquecimento cultural com empobrecimento cultural. Esses são, a meu ver, os aspectos da obra de Celso que devem ser lidos, estudados, discutidos pelas novas gerações. São o que formam a permanência de Celso Furtado. ✖

Naná Garcez é jornalista, empresária e diretora presidente da Empresa Paraibana de Comunicação - EPC, que engloba o Jornal, a Gráfica e a Editora A União, o Diário Oficial do Estado da Paraíba e a Rádio Tabajara.

Celso Furtado,

Paraibano, nordestino e cidadão do mundo¹

Clemente Rosas

Especial para o *Correio das Artes*

A atitude de Celso Furtado em relação à sua terra e à humanidade é bem retratada em alguns versos do poeta Juan Ramón Jiménez, que ele usa como epígrafe em pelo menos dois dos seus livros:

“Pie en la patria,
casual o elegida;
corazón, cabeza
en el aire del mundo”.

Os pés bem fincados no solo da pátria, seja aquela onde se nasceu, seja outra, que se teve de adotar (e quantos intelectuais latino-americanos a tal não foram forçados, para fugir à repressão, tangidos por essa “catapora” de ditaduras cruéis que, de tempos em tempos, assola o nosso continente!). Mas o coração e a cabeça abertos aos ares do mundo.

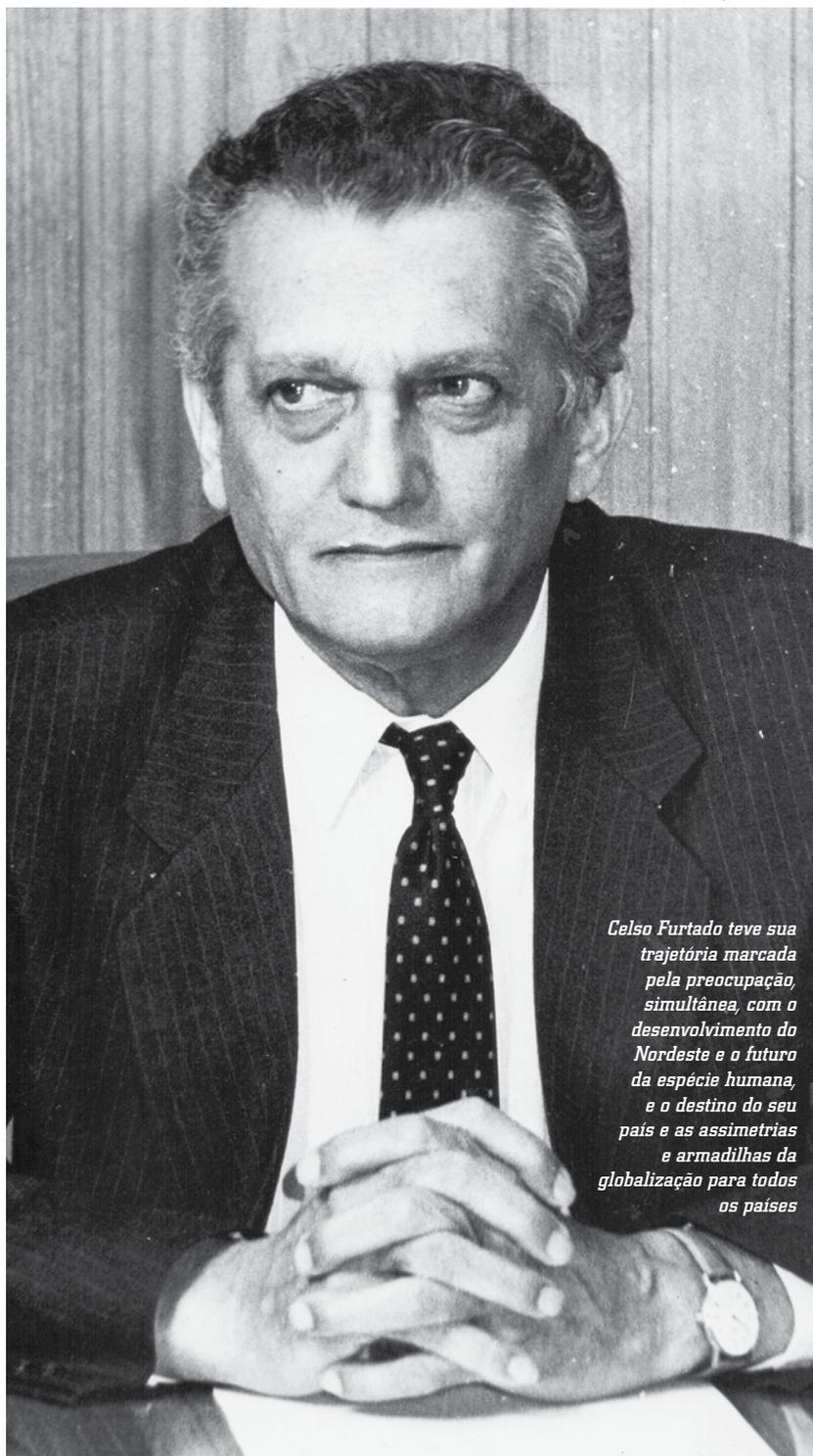
Assim conduziu-se ele a vida inteira, preocupado, ao mesmo tempo, com o desenvolvimento da sua região e o futuro da espécie humana, com o destino do seu país e as assimetrias e armadilhas da globalização para todos os países.

Cidadão do mundo, pelos trabalhos que realizou em vários pontos do planeta e pelas missões que cumpriu, internacionalmente, jamais renegou, nem mesmo no estilo, a condição de brasileiro, de nordestino, de paraibano, de sertanejo.

De alma generosa e solidária,

⁽¹⁾ Contém trechos do pronunciamento feito de improviso, pelo autor, no debate sobre a obra de Celso Furtado, promovido pela Academia Paraibana de Letras no dia 20 de janeiro de 2005.

FOTOS: ARQUIVO A UNIÃO



Celso Furtado teve sua trajetória marcada pela preocupação, simultânea, com o desenvolvimento do Nordeste e o futuro da espécie humana, e o destino do seu país e as assimetrias e armadilhas da globalização para todos os países



Embora servindo-se a fundo da racionalidade econômica, Celso Furtado jamais se limitou aos jargões do “economês” ou se deixou prender pelo cerco conceitual da disciplina

▶ permaneceu “seco como um cacto”, segundo expressão dele próprio, que articulistas da extirpe de Rubens Ricúpero e Roberto Pompeu de Toledo souberam tão bem glosar.

Vivendo tantos anos no Rio, nunca foi afetado, em sua maneira de falar, pelo acento metropolitano. Nem mesmo aquele “ti” chiado dos cariocas, cacoete que converte a consoante oclusiva “t” em consoante fricativa (e muito nordestino de pouca personalidade procura imitar) teve o dom de contaminá-lo.

Sem dúvida, a fidelidade às suas raízes é apanágio dos grandes intelectuais, assim como dos grandes artistas.

A CIÊNCIA ECONÔMICA MULTIDIMENSIONAL

Um sábio conselho do pensador inglês Samuel Johnson a seu deslumbrado discípulo John Boswell é citado por Celso Furtado em outro dos seus trabalhos: “My dear friend, clear your mind of cant”. Ele também, embora servindo-se a fundo da racionalidade econômica, jamais se limitou aos jargões do “economês”, jamais se deixou prender pelo cerco conceitual da disciplina.

Ele também recomendou aos

seus discípulos que “não se deixassem embair pelo brilho falso do monetarismo”.

Tendo aprendido, por experiência própria, que, para bem compreender os problemas do subdesenvolvimento, havia que descer da “atmosfera rarefeita das altas abstrações”, onde pairava então a teoria econômica estudada nos centros desenvolvidos, logo percebeu também a multidimensionalidade dos fenômenos a analisar. Daí vem sua afirmação de que “jamais conseguiu ver um problema como puramente econômico”. Pois, na verdade, os problemas econômicos são também sociológicos, psico-sociais, culturais, demográficos, ambientais, políticos.

Foi essa visão abrangente que lhe permitiu, junto a outros inovadores como Ragnar Nurkse, Gunnar Myrdal, William Arthur Lewis e Raul Prebisch, conceber as categorias que vieram a compor a teoria do subdesenvolvimento. E foi também o que deu universalidade à sua obra.

○ “LOBO SOLITÁRIO”

Sem dúvida, a cassação dos direitos políticos de Celso Furtado, promovida pelos vitoriosos do Movimento Militar de 1964,

foi o maior dos absurdos. Pois ele nunca foi “político”, tomada a palavra no sentido de engajamento a partidos, facções ou grupamentos voltados para a conquista do poder. Nem quando ainda era estudante universitário, no que divergiu, por certo, da maioria dos seus colegas intelectualizados. E mesmo após sofrer a injusta punição, sua atitude não foi a de ligar-se aos grupos de exilados e inconformados com o novo regime que se formaram naturalmente. Preferiu o caminho do “lobo solitário”, segundo sua própria expressão. Só com a anistia e o retorno dos expatriados é que atendeu ao chamamento das forças populares para o pleno restabelecimento do jogo democrático.

A dimensão política do seu trabalho, no entanto, não é posta em questão. Simplesmente, não comporta rótulos. Nem comunista, como o increpavam as vozes retrógradas que se opunham a seus



Celso Furtado jamais conseguiu ver um problema como puramente econômico

▶ planos para o Nordeste, nem “burguês reacionário”, como o classificavam os esquerdistas ingênuos ou sectários. No entendimento de que os interesses do Estado devem prevalecer sobre as ambições das empresas multinacionais, era um nacionalista sem intransigência.

Na convicção de que “o mercado é um mecanismo insubstituível, mas imperfeito” (expressão de José Guilherme Merquior), nunca teve uma proposta estatizante, mas sim, e limpidamente, intervencionista.

Para flanquear as questões éticas envolvendo a atividade produtiva privada, a “exploração do homem pelo homem”, a apropriação da mais-valia do trabalho pelos capitalistas, conceitos marxistas de forte presença nos debates dos anos 1950 e 1960 do século passado, afirmava, simplesmente, que a livre iniciativa era uma maneira mais eficaz de organizar a produção. Para a surpresa de muitos, inclusive de quem escreve estas linhas, a História demonstrou que ele tinha razão.

De resto, os espíritos esclari-

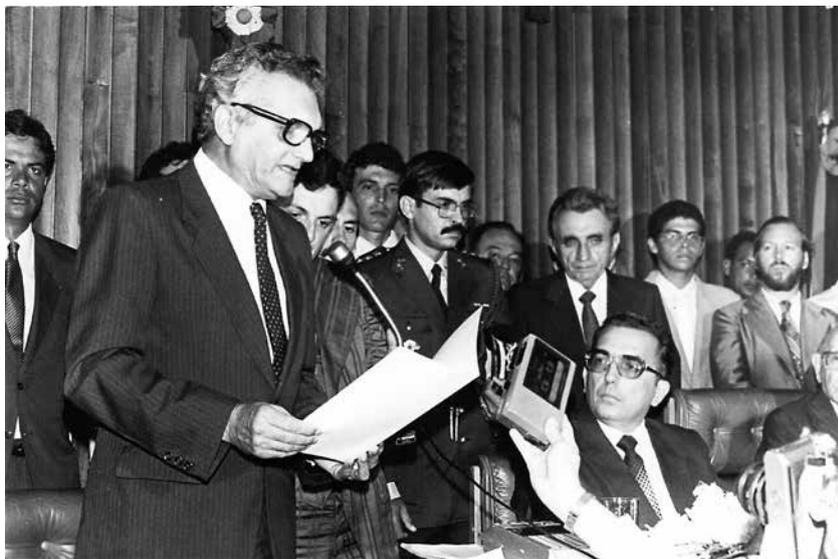
recidos sabem hoje que o liberalismo radical é mero discurso de conveniência. Quando as coisas apertam, os grandes empresários são os primeiros a correr para a asa protetora do Estado, à procura de apoio, com o argumento do interesse coletivo, do amparo à comunidade dos empregados, do bom serviço aos consumidores. Alguns declaram-se, até mesmo, francamente, favoráveis à intervenção do Estado, como o fez, há alguns anos, um presidente da Philips internacional, em entrevista à revista *Veja*, cuja referência, lamentavelmente, perdi.

Celso Furtado sabia muito bem que essa hagiologia do mercado, que andou em moda por uns tempos é, no fundo, ridícula. O mercado, deixado aos seus livres impulsos, acarretará, mundialmente, o esgotamento dos recursos naturais não renováveis, levará a poluição ambiental a níveis incompatíveis com a vida e, sobretudo, nada fará para a redução das disparidades internacionais e regionais de desenvolvimento, o que tem a ver, diretamente, com o nosso futuro de brasileiros e nordestinos.

O “PROFETA SECULAR”

Celso Furtado foi convocado para conceber e executar o projeto de recuperação econômica do Nordeste por Juscelino Kubitschek, que desejava, ao final do seu mandato, remover aquela nódoa de sua administração: uma extensa região do país entregue à penúria, indefesa diante de adversidades climáticas recorrentes. Para isso, dele recebeu todo o apoio político necessário, dirigindo, com plena autonomia, uma organização montada à margem das estruturas administrativas carcomidas do Estado brasileiro à época, verdadeiros feudos das oligarquias regionais.

Mas Juscelino foi substituído na Presidência da República por Jânio Quadros, candidato da Oposição, de estilo e idéias bem discrepantes. E enquanto muitos executivos da administração pública procuravam aproximar-se do novo presidente, num esforço de composição, ▶



No campo da política, Furtado manteve-se acima dos partidos, devotado, essencialmente, à sua causa, de olhos postos no futuro

► o Superintendente da Sudene viajava pelo mundo. Surpreso, Jânio determinou a seu fiel secretário, José Aparecido: “Convoque esse homem. Quero vê-lo”. E o manteve no posto, talvez até com mais prestígio, pois lhe deu acesso permanente às reuniões ministeriais.

Com a destemperada renúncia de Jânio, assume o vice-presidente, João Goulart, representante de um terceiro partido, de matiz populista. Celso Furtado continua à frente da Sudene. E quando a divisão de poder imposta pelo parlamentarismo improvisado que se implantara no país já encorajava as velhas raposas a tomar-lhe o posto, o que lhe diz Jango? “Querem fazer da Sudene um balcão de emprego. Para que você saia de lá será preciso duas assinaturas: a do primeiro-ministro e a minha. E a mim me cortam a mão, mas eu não assino”.

Que conclusões podemos tirar desses fatos? A primeira, contristadora, é a de que involuimos em nossas práticas políticas. Temos visto aí três presidentes, de partidos, concepções e temperamentos bem distintos, que não titubearam em repelir interesses paroquiais ou conveniências eleitoreiras, para conservar a colaboração de alguém que se impunha por sua autoridade técnica e moral. Tido o primeiro, por muitos, como leviano e inescrupuloso, como paranóico o segundo, como despreparado e inseguro o terceiro, assumiram eles, no entanto, com essa simples atitude, a dimensão de estadistas. È melancólico constatar que nossos dois últimos pre-

sidentes, com perfis pessoais mais meritórios – um, intelectual renomado, outro, retirante nordestino e líder operário que soube elevar-se ao posto máximo da nação – não alcançaram esse patamar de descortino e dignidade.

A segunda conclusão, já antecipada, é a da virtude e da grandeza do nosso homenageado, nos planos cívico, intelectual e ético. Fiel aos três presidentes, não cortejou nenhum deles, embora os considerasse amigos, como se pode perceber pelas referências calorosas que, sem detrimento do juízo crítico, lhes faz, em suas memórias. Manteve-se acima dos partidos, devotado, essencialmente, à sua causa, de olhos postos no futuro. E assim mereceu o respeito de todos.

Em missa que os veteranos da Sudene, companheiros a quem chamou, na dedicatória de um dos seus livros, de “peregrinos da Ordem do Desenvolvimento”, mandaram celebrar pela sua morte, o oficiante, Dom Marcelo Carvalheira, a ele se referiu como “um profeta secular”. Contrastando com a maioria dos economistas que hoje vemos pontifi-

car nas esferas governamentais, preocupados apenas com o desempenho da economia no semestre, ou com a meta de inflação para o exercício, ele bem merece o título. Os outros, segundo a sua própria expressão desencantada, são apenas “táticos, sem visão do futuro”.

MORTE E VIDA DE CELSO FURTADO

Há duas maneiras de considerar o desaparecimento de nosso homenageado. A primeira inspira-se na reflexão de John Donne, o pensador inglês, que figura como epígrafe no livro de Ernest Hemingway, *Por Quem os Sinos Dobram*: “No man is an island”. “Nenhum homem é uma ilha... cada homem é um pedaço do continente, uma parte do principal; se um torrão de terra é arrancado pelo mar, a Europa fica menor...; a morte de qualquer homem me diminui, porque faço parte da humanidade. Portanto não procure saber por quem os sinos dobram; eles dobram por você”. Nesse sentido, e com mais forte razão ainda, por tratar-se de quem se trata, com a morte de Celso Furtado, todos morremos um pouco.

Proponho, no entanto, que encaremos a situação com uma ótica mais esperançosa, mais iluminada, que melhor condiz com a personalidade do desaparecido. Pensemos que ninguém morre completamente se os seus trabalhos permanecem, se as suas idéias se propagam e conquistam outras mentes, se o seu exemplo é seguido. E recordemos, assim, a indagação desafiadora do apóstolo Paulo: “Mors, ubi est victoriam tuam?”

Celso Furtado vive: no coração dos que participam desta cerimônia, na consciência dos discípulos e companheiros de trabalho que tanto aprenderam com ele, no compromisso, que todos temos assumido, de fidelidade aos seus ideais e aos seus sonhos. ❖

Clemente Rosas Ribeiro nasceu em João Pessoa, em 27 de setembro de 1940. É formado em Direito pela Universidade Federal da Paraíba e pós-graduado em Desenvolvimento Econômico. Foi Procurador-Geral da Sudene. Integrou o grupo de poetas conhecido como “Geração 59”. Publicou *Praia do Flamengo*, 132 (memórias), *Coco de roda* (ensaios), *Administração & Planejamento* (artigos) e *Lira dos anos dourados* (textos líricos). Mora em Praia Formosa, Cabedelo (PB).



Estação Memória

FOTO: ARQUIVO A UNIÃO



O Sétimo Paraibano na Academia

Evandro Nóbrega

Para que existe uma “sociedade democrática”, aspiração máxima do homem moderno, é necessário que se produza a conjunção de uma economia de mercado com um sistema político aberto e participativo (...) A construção da sociedade democrática, horizonte utópico por que aspiram os homens desde a época clássica grega, requer a conjunção de processos históricos engendrados por duas forças: o individualismo, alimentado pela economia de mercado, e a disciplina, que só as sociedades participativas e abertas engendram.

– **Celso Furtado** ao fazer a crítica do livro ‘O Futuro do Capitalismo’, de Lester Thurow, no *Jornal de Resenha*, da *Folha de São Paulo*, 9 de agosto de 1997.

A Academia foi apenas mais um passo na trajetória portentosa de um homem que já escreveu cerca de 40 livros, traduzidos para várias línguas



Utilize o QR Code acima para baixar uma versão digital do *Correio das Artes* de 2 de novembro de 1997



Estação Memória

▶ O paraibano Celso Furtado (au grande complet, Celso Monteiro Furtado) enverga o fardão neste dia 31 de outubro de 1997, como “imortal” d Academia Brasileira de Letras. É o sétimo paraibano a integrar o Petiti Trianon – embora, em recente conversa informal, alguém tenha sugerido, quem sabe fosse, o oitavo (?!). Por mais que esfalfássemos, então, o cérebro – eu, Nonato Guedes, José Octávio de Arruda Mello, Sérgio de Castro Pinto, Wellington Aguiar, Chico Pereira et alii – não conseguimos listar outros nomes senão o de Pereira da Silva, Aurélio de Lyra Tavares, José Américo de Almeida, Assis Chateaubriand, José Lins do Rego, Ariano Suassuna e, finalmente, o próprio Celso Furtado.

Mas, para um pequeno Estado como a Paraíba, a marca de sete acadêmicos devidamente enfardados com as vestes simbólicas da fechadíssima Casa de Machado de Assis já é... a glória! Aliás, como dizia Machado, Machado de Assis, “esta, a glória que fica, eleva, honra e consola”. O Governador José Maranhão, entusiasta das coisas da Cultura, resolveu doar o fardão do novo acadêmico, em nome da Paraíba – e ordenou a edição deste número especial do Correio das Artes, para circular oportunamente da posse de Furtado.

FOTO TASSO MARCELO - AGÊNCIA ESTADO



Celso Furtado, ao lado de Antonio Carlos Secchin e Ana Maria Machado

“Excessivamente Esquerdista”...

Celso, 77, foi eleito para ocupar a cadeira 11, na vaga deixada pela morte do antropólogo Darcy Ribeiro. O paraibano venceu o filólogo Leodegário de Azevedo Filho por 22 votos a 15. O voto dos acadêmicos, certamente, é dos mais secretos, mas até o dono das Organizações Globo, jornalista Roberto Marinho,

votou em Celso, tido como “excessivamente esquerdista” por alguns acadêmicos.

Ele, que não se considerada “homem de letras”, mas “homem de pensamento”, convenceu-se, finalmente, a disputar uma vaga na ABL por vê-la não “uma casa de letras – mas “uma casa de cultura”.

Nobel de Economia?

Depois de sua eleição para ABL, é difícil, agora, pensar em homenagens maiores – a não ser o Prêmio Nobel de Economia. E Celso é o brasileiro mais cotado para receber a distinção, pelo conjunto de suas obras.

A Academia foi apenas mais um passo na trajetória portentosa de um homem que já escreveu cerca de 40 livros, traduzidos para várias línguas, que é Doutor ▶



Estação Memória

► em Economia pela Universidade de Sorbonne, que lecionou em importantes universidades, como as de Cambridge, na Inglaterra, e Yale e Columbia, nos Estados Unidos, além da própria Sorbonne, que exerceu também em seu país os cargos de ministro do Planejamento (Governo Goulart) e da Cultura (Governo Sarney), que escreve para os principais jornais do Brasil e para grandes revistas especializadas e de alcance mundial e, last but not least, viveu o suficiente para ver o seu nome ser transformado num prêmio internacional, “The Celso Furtado Prize”.

No Kit do MEC

Recentemente, a obra de Furtado foi incluída, por uma “comissão de notáveis” designada pelo presidente FHC, dentre aqueles 98 livros que necessariamente serão lidos por alunos e professores de toda a rede de ensino público; no início do ano letivo de 1998, as escolas com mais de 250 alunos irão receber kits com 300 livros de literatura, dicionários e enciclopédias, selecionados conjuntamente por aqueles “notáveis” e por uma equipe do FNDE/MEC.

O economista Francisco de Oliveira afirmou, certa vez, que a obra de Furtado vai mais além que outras interpretações da realidade brasileira, “não porque seja teoricamente superior, senão porque foi escrita in actione. Enquanto as obras

anteriores explicaram e ‘construíram’ o país do passado, a de Furtado explicava e ‘construía’ o Brasil dos seus dias: era contemporânea de sua própria ‘construção”.

Economista ou Pensador?

Chamamos Furtado, acima, de pensador, ao invés de tratá-lo por economista. Mas é o próprio Celso quem sustenta: “a Economia não existe”. Com assim? Veja-se um depoimento seu, bem recente, à imprensa: - Quando, finalmente, aos 26 anos de idade comecei a estudar Economia de maneira sistemática, minha visão do Mundo já estava definida, no fundamental. Assim, a economia não chegaria a ser mais um instrumental que me permitia com maior eficácia tratar problemas que vinham da observação da História ou da vida dos homens em sociedade. Pouca influência teve a Economia, portanto, na conformação do meu espírito. Nunca pude compreender a existência de um problema estritamente econômico. Por exemplo, a inflação nunca foi, em meu espírito, outra coisa senão a manifestação de conflitos de certo tipo entre grupos sociais. Da mesma forma, uma empresa nunca foi outra coisa senão a materialização do desejo de Poder de um ou vários agentes sociais, em uma de suas múltiplas formas.

E assim por diante.

Entre os Grandes

Gilson Schwartz, da Folha de S. Paulo, diz bem ao escrever que Celso Furtado “é uma espécie de João Cabral de Mello Neto do pensamento econômico”. Celso está entre aqueles grandes economistas do Mundo que, entre outras coisas, estudaram, no Pós-Guerra, e de forma pioneira, os problemas do Desenvolvimento Econômico, dentro do binômio Norte-Sul. Portanto, ao lado de autores como Gunnar Myrdal, Raúl Prebisch, Ragnar Nurkse, Hans Singer e poucos outros.

Sobre a globalização que ocorre ao galop em nossos tempos, Celso demonstra, mais uma vez, sua peruciência no trato de problemas histórico-econômicos. “O processo da mundialização significa, também, a globalização de problemas. Somente um Estado que se volte para o social e que tenha a formação de emprego como prioridade pode estancar o crescimento da massa de desempregados”.

Este número especial do Correio das Artes enfeixa razoável cópia de trabalhos, muitos deles inéditos, com vistas ao melhor entendimento da contribuição de Celso Furtado. ◀

Texto publicado originalmente no Correio das Artes de 2 de novembro de 1997



FOTO: REPRODUÇÃO

O Cinema em Celso Furtado

Alex Santos

Especial para o *Correio das Artes*

Amplo é o universo da cultura e da arte. Isso, se levarmos em conta que a história dos povos é tão extensa e rica quanto seriam os seus matizes em toda sua trajetória. Às vezes, difícil é incutir em cada pessoa a amplitude de seus pendores criativos nesse universo multicultural. Mesmo em mentes privilegiadas, nas quais possa existir, de algum modo, um certo empoderamento a uma maior assimilação de conhecimentos e de produção.

Há quem se questione, pelo fato de ser, ou não, um verdadeiro artista, de não ter inclinações para as artes, teatro, cinema... Entretanto, mesmo "in dubio", esse mesmo "alguém" consegue, sim, enveredar por segmentos outros, como política e literatura, por exemplo. Muitas vezes, seguindo os dogmas mais estatísticos da existência humana, na economia e seus inúmeros fascínios capitalistas, logísticos e de marketing. Mesmo

sem deixar passar em brancas nuvens antigos enleios e desejos artísticos, justamente quando de sua adolescência.

Por oportuno, gostaria de citar aqui a expressão de um respeitável cidadão do mundo, um reconhecido "expert" naquilo que fez e soube fazer muito bem em sua área de conhecimento, de longa atuação: "O talento está em saber se orientar entre essas possibilidades tão variadas", Celso Monteiro Furtado. ▶

Celso Furtado teve sua relação com a sétima arte: chegou a cobrir a vinda de Orson Welles ao Brasil e chegou a trabalhar com Paulo Emílio Sales em Paris

▶ O “ESSENCIAL DA REALIDADE” NO PENSAMENTO CELSONIANO

Nascido na cidade de Pombal, interior da Paraíba, no ano de 1920 – sendo agora lembrado em seu centenário –, Celso Furtado foi para o Rio de Janeiro aos 19 anos de idade para cursar a Faculdade de Direito. Formado em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, que na época se chamava Universidade do Brasil, sabe-se que, segundo historiadores especializados, Celso Furtado foi um dos primeiros estudiosos a investigar uma relação estreita que existe entre economia e as manifestações culturais, não apenas no Brasil. Daí a sua presença como Ministro da Cultura, alguns anos depois, no comando do presidente José Sarney, entre 1986/1988, sendo do próprio Furtado a afirmação: “Toda questão econômica é também humana, ou seja, histórica, social e cultural”. Isso vai se alinhar aos reais anseios do próprio governo de então, que demuda sua ideia em realidade, criando por decreto a Lei Sarney, após quase 20 anos de Ditadura Militar no país.

E não foi sem razão que, anteriormente, o periódico *Valor Econômico* fez um artigo sobre o paraibano, atribuindo a Celso Furtado a real aplicabilidade das expressões “economia criativa” e “economia da cultura”, de direito e de fato. E que o próprio Celso publicou em livro (1978), sob o título *Criatividade e Dependência na Civilização Industrial*, quase 20 anos após ter criado a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – Sudene, em dezembro de 1959.

Durante a gestão do ministro Celso Furtado no MinC, seu Chefe de Gabinete Ângelo Oswaldo Santos escreveu: “Se o governo buscava um plano econômico, buscava também um projeto cultural. Por outro lado, havia a promessa da chamada Lei Sarney, que era o projeto acalentado pelo presidente desde seus tempos de Senado, quando tenta propor uma legislação de benefícios fiscais para a cultura.”

Mas, em 1990, a lei foi elimina-

da pelo governo Collor de Melo, que fez uma devassa cultural, inclusive no cinema nacional, fechando até a Embrafilme. Nessa época, o paraibano Ipojuca Pontes era secretário de Cultura, o que lhe cabia, pelo menos, um pouco de resistência em defesa do cinema que fora, anteriormente, o seu “filho pródigo”. Mas, pelo que constam dos anais culturais cinematográficos da Paraíba, essa resistência esperada jamais aconteceu. Depois desse famigerado e sucedido retrocesso da cultura, inclusive com o fechamento da Embrafilme pelo governo, no entanto, criou-se a Lei Rouanet, trazendo o devido reconhecimento: “Restabelece os princípios da Lei 7.505, de 2 de julho de 1986”. A rigor, fazendo uma forte referência válida à Lei Sarney.

FOTO: REPRODUÇÃO



CELSO FURTADO, O CINEMA E PAULO EMILIO SALES

Levando em conta esse personagem brasileiro de tamanha envergadura, reconhecido que é por uma página singular na História e pelo seu grande feito na economia brasileira, sou mais uma vez desafiado pelo amigo e companheiro de tantas batalhas culturais juntos, o historiador José Octávio de Arruda Mello, para que o acompanhe em mais uma de suas sagas “honorianas”.

Volto à cena não sob um universo historiográfico, necessariamente econômico ou político, mas com um mero enfoque cultural sobre a trajetória de um dos paraibanos mais ilustres da nossa história contemporânea: Celso Furtado.

Mas, por que eu? O que tenho eu a ver com política econômica, se minha área é deveras e sobretudo comunicação social e cinema? Como vincular o nome do insigne economista aos ditames da arte-do-filme, se o próprio Celso afirma que suas pretensões artísticas foram substituídas por uma análise mais acurada sobre o “essencial da realidade”? Aí é que está, realmente, o meu nó cego a desatar...

Mas esse nó, convenhamos, se desprende logo quando junto algumas peças do quebra-cabeças, como a presença do próprio Celso Furtado na nossa Academia Paraibana de Cinema, como Patrono da Cadeira 20, figura retratada pela cineasta paraibana Vânia Perazzo em seu documentário *Celso Depois do Milagre*, tema extraído do livro *O Longo Amanhecer*, editado em 1999. Além da relação que teve com um grande nome do próprio cinema, Paulo Emílio Sales Gomes, em sua primeira vez estando em Paris, já em 1946, quando Celso Furtado ingressara no doutorado em Economia da Universidade Sorbonne, curso concluído em 1948.

Não obstante esse encontro fora do Brasil com um grande nome do cinema brasileiro, Celso já tinha em mente algumas relíquias fantasiosas de meninice sobre a tão em voga forma de entretenimento – o cinema. E isso se comprova a partir dos relatos da escritora e viúva de Celso, Rosa Freire d’Aguiar, em seu diário *Celso Furtado – Um Retrato Intelectual*.

Segundo Rosa, “na infância dele eram frequentes as incursões de cangaceiros que encenavam histórias de violência envolvendo gente próxima de sua família, violências que se referiam a atos de arbitrariedade, prepotência e crueldade que eram gestos de heroísmo à *western*”. Situações essas que Furta- ▶

do lembraria num texto autobiográfico escrito em seu exílio em Paris. E não foi sem razão que, em alguns dos seus trabalhos, ele analisa a formação da cultura brasileira, sua realidade e importância, justo no processo de incremento nacional.

Conforme Rosa Freire, Celso “Ganhou a vida, de início, como jornalista na *Revista da Semana*, publicação de largo prestígio à época, para a qual escreveu sobre a atualidade cultural da Capital da República – a presença de Orson Welles, por exemplo”. Cineasta americano que, então, filmaria a relação dos jangadeiros do Ceará com os mares nordestinos, imagens que vão motivar, algum tempo depois, um documentário sobre o próprio Welles, realizado pelo cineasta carioca Rogério Sganzerla. Este, que estaria depois comigo, juntamente com o folclorólogo José Nilton da Silva e equipe, durante a realização de um filme curta-metragem de ficção intitulado *Guaraobira – Vila de Independência*, realizado nas cercanias de Guaraobira e pontos do centro da cidade, na primeira gestão do prefeito Zenóbio Toscano de Oliveira, em 1982.

Outro fato que nos leva a um vínculo de Celso com o cinema está em ‘Celso Furtado, a História e a Historiografia’, um trabalho escrito por João Antônio de Paula para o *Cadernos do Desenvolvimento*, no qual o autor assegura que as circunstâncias da escolha do tema da tese do brasileiro, em 1948, foram então relatadas por Celso Furtado em sua obra autobiográfica, referindo-se à figura extraordinária de Paulo Emílio Sales Gomes, então trabalhando no Museu do Homem de Paris, dirigido por Paul Rivet. Foi Paulo Emílio quem informou a Celso Furtado sobre a excelente Coleção Brasileira do Museu. E que o próprio Celso reconhece: “Logo pude comprovar que se tratava de belíssima coleção de livros sobre o Brasil, doação provavelmente do governo brasileiro. Então, decidi-me de imediato. Estudaria a economia colonial brasileira no período do açúcar, época em que ao Brasil coubera papel eminente”. Nesse tempo,

De volta ao Brasil, em 1965 ele resolve retornar à Paris, onde fica por 20 anos como professor da própria Sorbonne. E é do próprio Celso a afirmação de que “impressiona-me com esta cidade vive dentro de mim...”

Em *Paulo Emílio Sales Gomes – O Cinema no Século*, um calhamaço de mais de 600 páginas organizado e prefaciado por Carlos Augusto Calil, publicado pela Cia. das Letras em 2015 – ano em que recebi o tal saltério como presente de aniversário de minha querida filha Patrícia Araújo, com carinhoso verbete para que eu pudesse “voar ainda mais alto nas coisas do cinema” –, anotando a “orelha” do livro Sérgio Augusto me dá uma dica sutil, porém muito interessante sobre a ligação de Celso Furtado com Paulo Emílio. Segundo Augusto, o interesse do crítico de cinema brasileiro pela arte-do-filme veio muito mais tarde: “Até os vinte e poucos anos, Paulo Emílio só teve olhos para literatura e política. O cinema foi a última das expressões intelectuais artísticas a conquistar seu interesse”. Daí o motivo da relação de Celso Furtado e Paulo Emílio, a partir de encontros no Museu do Homem, na capital francesa.

Esse fato talvez justifique a relação entre Paulo Emílio e Celso Furtado, este que teve toda sua formação inicial também pautada na literatura e na política, inclusive estudando e se formando em Paris, quando se encontra com Paulo Emílio, que lhe aconselha a aproveitar as oportunidades, dizendo-lhe: “Não tome a coisa assim a sério. Hoje o ‘rayonnement’ (influência) da cultura francesa só consiste em distribuir títulos aos estrangeiros que passam por aqui. Como nós metecos (imigrados) não concorreremos com eles, pois nem Einstein conseguiu ser professor na Sorbonne, nos afogam em facilidades.” (FO, p. 28)

Em entrevista dada em julho de 2004, portanto cinco meses antes do seu falecimento, quando foi questionado sobre suas aptidões em arte, o paraibano de Pombal Celso Monteiro Furtado disse claramente: “Eu me imaginava ser um homem de letras. Ser um escritor de ficção. Mas, com o tempo, pude perceber que o meu forte não era a ficção, teatro ou outras coisas, e que o importante era captar o essencial da realidade. Então, percebi que no ensaio eu era muito mais forte.”

Agora, se é possível usarmos essa expressão “essencial da realidade” – da lógica afirmativa de Celso Furtado –, poderíamos enveredar por reflexões outras, quiçá não muito precisas, mas ajustadas às “coisas” do próprio cinema: o registro documental, por exemplo. Sendo esse o registro audiovisual do essencial da vida, das pessoas e dos fatos da nossa realidade, tudo representado pela Sétima Arte. O que vem a ser, sem mais ressalvas, o documentário. Este, como de pronto, uma categoria das mais simbólicas e iniciais da nossa cinematografia.

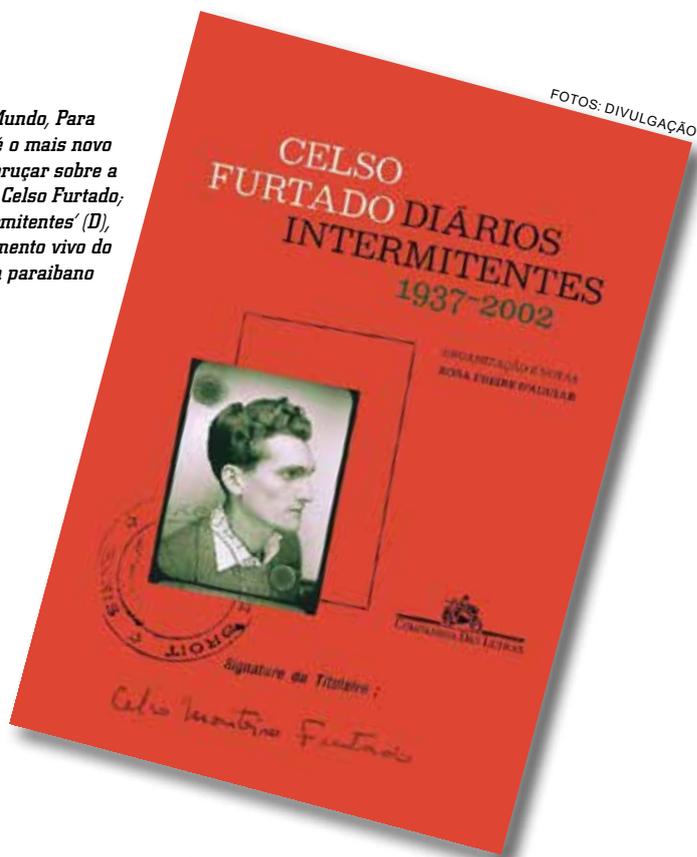
Para muitos, uma possível indagação de que não terá sido essa modalidade cinematográfica a trazer a verdade da vida e dos fatos quando mostrada? Embora continuo com a convicção – a qual tenho defendido teoricamente havia muito, em publicações e salas de aula, em razão da própria gramática e lógica do cinema – de que essa “verdade” documentada jamais representaria uma realidade de caso. Pelo seu discutido véis ideologicamente autoral expresso em imagens, do simples olhar através do visor de uma câmera. Sem maiores discussões, virtualidade essa quer seja filmada ou, simplesmente, gravada.

Contudo, seria essa uma outra questão a ser fundamentada na sociologia dos fatos, também em seus instantes mais significativos e peculiares. Quiçá... ✖

Alex Santos é advogado (OAB 6076), jornalista profissional, Mestre em Comunicação Social e Cultura Contemporânea pela Universidade de Brasília, professor aposentado da UFPB, membro da Academia Paraibana de Cinema (Cadeira 05), autor de livros sobre cinema e televisão, realizador de filmes inclusive premiados, casado, morando em João Pessoa-PB.



'Pensar o Mundo, Para Mudá-lo' (E) é o mais novo título a se debruçar sobre a vida e obra de Celso Furtado; 'Diários Intermitentes' (D), traz o pensamento vivo do economista paraibano



FOTOS: DIVULGAÇÃO

NOVAS PUBLICAÇÕES
LANÇAM LUZ SOBRE O
PENSAMENTO E A VIDA DE

Celso Furtado

André Cananéa
Editor do *Correio das Artes*

'Pensar o Mundo, Para Mudá-lo' é fruto de uma parceria entre a EPC, a jornalista Rosa Freire d'Aguiar, viúva do economista, e a Academia Brasileira de Letras

Três novos títulos se debruçam sobre a vida e obra de Celso Furtado neste ano em que é celebrado o centenário do autor de *Formação Econômica do Brasil*. O primeiro deles saiu ainda no ano passado, *Celso Furtado Diários Intermitentes 1937 – 2002* (Companhia das Letras, 2019), compilação dos escritos íntimos que o paraibano colecionou a partir da adolescência, feito pela viúva de Celso, a jornalista Rosa Freire D'Aguiar.

“As primeiras anotações são feitas quando ele é um jovem que está estudando no Liceu Paraibano e vai passar alguns dias, durante o Verão, numa casinha de pescadores muito pobres, que a avó dele alugava em Tambaú”, declarou Rosa Freire D'Aguiar ao *Jornal A União*, quando veio lançar a obra, em João Pessoa, em novembro de 2019.

Para a viúva de Celso Furtado, nas entrelinhas desses diários existe um perfil muito profundo de quem foi o economista e o que ele pensou, o que >

▶ ele agiu. “Então, eu acho que esse livro, de certa forma complementa, completa a obra autobiográfica de Celso, que é formada por três volumes”, disse ela.

Em parceria com a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), da qual o **Correio das Artes**, o *Jornal A União* e a Rádio Tabajara fazem parte, a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) reuniu um time de pensadores que fizeram uma “releitura” da obra de Celso Furtado. O resultado é a trilogia *Celso Furtado – A Esperança Militante* (EPC/UEPB, 2020), que tem sido lançada, em edições virtuais (ebook), desde junho.

A conclusão desse projeto, capitaneado pelos professores Ivo Marcos Theis (Fundação Universidade Regional de Blumenau), José Luciano Albino Barbosa e Cidoval Moraes de Sousa (ambos da UEPB) e que levou cinco anos para ficar pronto, se dará justamente no dia 26 de julho, quando o terceiro volume vem à público, ainda no formato ebook – uma edição impressa irá sair pela Editora A União, em um box com os três volumes.

Em declaração ao *Jornal A União*, o professor Cidoval Moraes detalhou a proposta de cada volume: “O primeiro é fazer releitura da obra de Celso Furtado, dialogando com a realidade contemporânea. O segundo é instigar e provocar novas leituras de Celso Furtado, pois, embora tenha sido um dos escritores mais publicados, se não se publicar sua obra ela ficará esquecida. O intuito é dialogar e a manter na agenda. E o terceiro objetivo é o de que o Brasil precisa de novos Furtados e, por isso, o apelo à instigação”.

A coleção traz textos da própria Rosa Freire d’Aguiar e de diversos economistas reconhecidos em todo o país, como Luiz Carlos Bresser-Pereira e Guido Mantega, dois ex-ministros, Maria da Conceição Tavares e Candido Mendes, além de dezenas de outros professores e pensadores da política e da economia brasileira.

O terceiro e mais recente lançamento alusivo ao centenário de Furtado se chama *Celso Furta-*

do: Pensar o Mundo, Para Mudá-lo (Editora A União, 2020) e partiu de uma iniciativa da direção da EPC, organizado pela presidente Naná Garcez, o diretor de mídia impressa, William Costa, e o gerente da Editora A União, Alexandre Macedo, após entendimentos com a jornalista e tradutora Rosa Freire d’Aguiar, viúva de Celso, e com o escritor e tradutor Marco Lucchesi, presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), que se tornaram parceiros desta publicação.

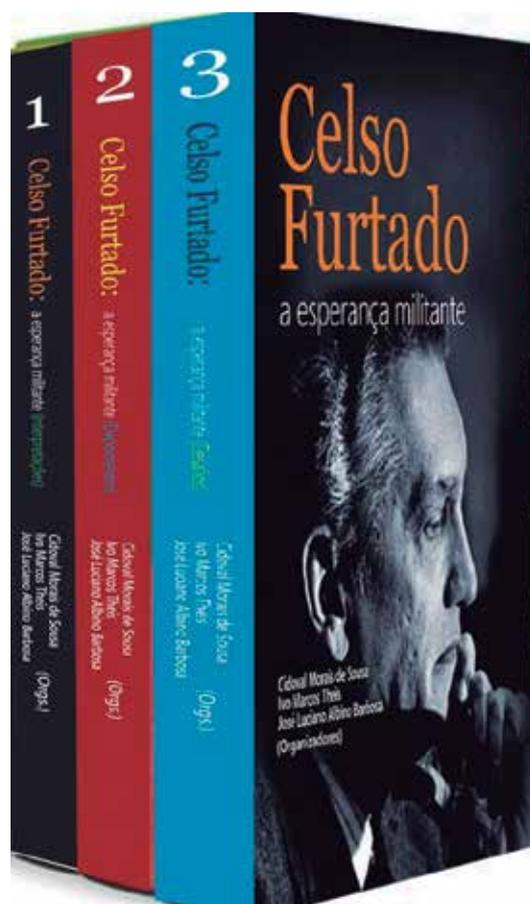
A obra atua em duas frentes: em uma, reúne textos que Celso Furtado publicou no site da ABL; na outra, textos, muitos inéditos, que resgatam memórias, avaliações e pensamentos acerca da vida e da obra do economista paraibano.

Estão lá, por exemplo, textos de Inácio de Loyla Brandão, que atualmente ocupa a cadeira de nº 11, que já foi de Celso Furtado, e de Murilo Melo Filho, que em uma das últimas ações em vida, autorizou a publicação de

um belo texto que escreveu para a *Revista Brasileira*, publicação da Academia Brasileira de Letras.

Tem também um texto do economista Edmar Bacha, que lembra os tempos em que foi contemporâneo do paraibano na renomada universidade de Yale (EUA), além de material valioso dos paraibanos Zélia Almeida, Neide Medeiros Santos e José Octávio de Arruda Filho.

“O objetivo desse livro é ajudar a compor esse perfil, ainda inacabado de Celso Furtado. Afinal, Celso Furtado é uma personalidade tão vasta que, por mais que tenha sido publicados textos e estudos sobre ele, seu perfil ainda não está completamente concluído. É um homem que se dedicou a pensar as estruturas políticas e econômicas das nações, mas também foi um homem, na sua dimensão social e espiritual, que se preocupava com literatura, com a cultura, de modo geral, e com a economia, que era o forte dele”, avalia William Costa. ❖



Em parceria com a EPC, trilogia da UEPB tem saído em ebook e vai ganhar caixa com obra impressa pela Editora A União

Carlos Newton Júnior

ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO



Todas as cores do mundo

Todas as cores do mundo
nas cores todas da pele;
todos os tons, no profundo
unidos, não se repelem.

Todos os dias na espera
que o amor cresça e se revele,
e que brindem nova era
todas as cores da pele.

Que o mundo não embranqueça
todas as cores da pele,
e que na luta as mereça,
por mais que o poema zele.

Que entre nós a paz floresça,
todos os povos imbeles;
e que o humano prevaleça,
nas cores todas da pele.

Num tempo justo e fecundo,
todas as cores da pele
farão colorido o mundo
— todos os homens, mulheres.

Lição de otimismo

Enquanto houver crianças, flores, aves,
tudo vai bem. Não há o que temer.
A alegria até pode arrefecer
e a estrada se mostrar pouco suave.

Que no âmago de si cada qual cave
e plante ali o grão que faz nascer
a divina esperança de viver,
a vela que, enfunada, empurra a nave.

Que os homens se reúnam num conclave
e decidam mudar — mas pra valer!
Unidos poderemos, sim, vencer,
forjando, de mãos dadas, nova chave.

E em cada coração, que se destrave
o ferrolho que o medo nos fez ver.
Sobram fios e mãos para tecer
e ainda há crianças, flores, aves.



Carlos Newton Júnior é poeta, ensaísta e professor da Universidade Federal de Pernambuco. É autor de vários livros, entre os quais, *Vida de Quaderna e Simão* (romance) e *Canudos - Poema dos Quinhentos* (poesia). Mora em Recife (PE).



As memórias dos outros

Francisco Gil Messias
Especial para o *Correio das Artes*

Há vorazes leitores de biografias, cartas, diários e memórias. Sou um deles. Nisto não há nenhum mérito, resalto, mas apenas uma certa disposição de espírito, um jeito particular de ser, que levam a apreciar livros que, em maior ou menor medida, penetram na intimidade de personagens que nos atraem existencial e intelectualmente. No fundo, trata-se, talvez, de mera curiosidade sobre a chamada natureza humana, não uma bisbilhotice de fofoca, mas antes um desejo do intelecto de conhecer o outro em sua verdade mais íntima, para daí colher impressões, reflexões e lições, porque sempre se aprende algo nesses passeios memorialistas. O interessante é que, no meu caso

particular, no cotidiano, pouco ou quase nada me interessa a vida alheia. O que sei sobre os outros, da aldeia ou fora dela, é o que leio em jornais, o que vejo na TV ou o que alguém me conta sem que eu indague. Também não rejeito essas novidades indiscretas, e até as comento com humor, quando é o caso; apenas não as persigo nem procuro, simplesmente porque me são, no geral, indiferentes.

Diários e memórias. Aprecio. Porque neles é o personagem-narrador falando de si, com suas próprias palavras. Em tese, nada pode haver de mais autêntico, sem esquecer, é claro, as inautenticidades cometidas de propósito pelo autor, mas aí é a exceção, quase sempre desmascaradas

depois. E sempre tenho uma preferência pelos períodos finais da vida dos personagens-autores porque, nessa fase, as revelações já trazem o acúmulo das experiências vividas, o sumo existencial, as conclusões e os juízos definitivos. Muitas vezes, por essa razão, começo lendo o livro de trás pra frente, fiel a essa preferência talvez mórbida que privilegia o fim e não o começo. Os inícios, em regra, não me atraem. As infâncias, as adolescências, as juventudes, douradas ou não. Importa-me a maturidade e, principalmente, a senectude, a vida completa, sem praticamente mais nada a se acrescentar. E, nessa fase derradeira, naturalmente, o enfrentamento da morte, a perspectiva da

▶ extinção iminente, como cada um vive e sente sua finitude, as últimas preocupações, as últimas vaidades, as últimas ilusões, os últimos medos. Isso, sim, me atrai, com uma indiscrição e uma volúpia intelectivas quase que impróprias. E creio que atrai também um bom número de leitores, razão pela qual não me constrange escrever na primeira pessoa do singular, pois sei que aqui falo por muitos.

Sobre esses testemunhos pessoais, Gilberto Freyre escreveu, com muita propriedade, ele que sempre foi um leitor atento dessa literatura especial: “É material ótimo para a análise e interpretação do caráter de um povo ou da fisionomia de uma época, através da personalidade ou simplesmente da pessoa que, ora pelo excesso de extroversão, ora pelo gosto de introspecção revela aspectos interessantes ou traços profundamente íntimos do seu tempo ou da sua gente. E não apenas de sua própria e restrita intimidade individual. Traços de patologia social e não apenas da pessoal”, e acrescentou, ainda, o mestre de Apipucos, “O gosto pela leitura de tais documentos... não é, entretanto, um gosto comum e fácil. Ao contrário: precisa, em geral, ser adquirido. Adquirido aos poucos. É um tanto como o gosto pelo uísque e pela própria cerveja amarga em relação com o entusiasmo fácil... pelo champanha doce e os vinhos de sobremesa”.

Dos diários que li, um dos que se destacam é o de Josué Montello, dois robustos volumes em papel-bíblia da Editora Nova Aguilar, em quase inacreditáveis três mil páginas. Todo o século 20 e seus principais atores desfilam nessas páginas, sempre acompanhados dos comentários reflexivos e mordazes do autor. Reconheço que há quem não goste de Montello. Algumas restrições vão além do escritor enquanto tal, para abranger a pessoa, sua suposta ideologia etc. Não entro nesse mérito, por falta de maiores informações. Entretanto, fico com a orelha em pé e, com cautela, vou, dentro do possível, separando a obra do autor para reter daquela o que importa, a despeito da mão que a escreveu.

O jornal literário de Ascendino Leite é outro deleite fino. Com a pitada a mais do fato de o autor ser paraibano, o que o aproxima mais de seus conterrâneos. São muitos volumes a reclamar uma bela edição que os reúna, de modo a garantir-lhes a posteridade que merecem. Sem demérito para suas outras produções, esse diário foi a grande obra literária de Ascendino, construção de uma vida inteira, reconhecida nacionalmente pelos mais renomados críticos. Parece-se muito com os diários de Montello. Não só em sua extensão, mas principalmente no conteúdo, misto de memorialismo, reflexões literárias e filosóficas, sem desprezar a mordacidade e a finura de comentários personalíssimos sobre contemporâneos ou não. Aqui também desfila o século passado, em pequenas doses, às vezes apenas um aforismo de uma linha, arquivo imenso e insubstituível da vida cultural brasileira.

E há o diário de Gilberto Freyre, de Humberto de Campos, de Getúlio Vargas (não o dos últimos anos, infelizmente), de Joaquim Nabuco, de Herberto Sales, de Drummond (*O observador no Escritório*), de Miguel Torga e de tantos outros de que agora não recordo. Que se saiba, muitas figuras célebres não cultivaram diário, com a disciplina que se exige para tal. O próprio Alceu Amoroso Lima, que não dormia sem antes escrever nem que fosse uma linha, um pensamento que lhe resumisse as experiências do dia, não deixou, entre suas obras publicadas em vida, um diário em sua forma tradicional. Talvez as cartas que enviou por anos, regularmente, à sua filha monja, hoje já publicadas, façam às vezes do jornal que ficou nos devendo.

Fico imaginando a delícia que seria, por exemplo, um diário de Getúlio que abrangesse os dias que antecederam sua morte trágica. Quanta coisa não terá passado por aquela cabeça que dominou o Brasil e hipnotizou os brasileiros por décadas. Quantas reflexões, quantos julgamentos de fatos e de pessoas que fazem parte de nossa história recente. Getúlio, o homem enigmático, a esfinge que guardava para si

seus pensamentos mais pessoais, revelando-os, raramente, apenas à filha dileta, Alzira, para alguns a maior brasileira de seu tempo. Um diário de Carlos Lacerda, o brilhante e contraditório Lacerda de tantos episódios controversos de nossa política. Um do idoso José Américo, nosso estadista, homem reservado, cioso de sua privacidade, de pouco ou quase nenhum derramamento emotivo. O que não teria escrito e revelado, só para si, um homem de tamanha estatura e de vida tão rica em vivências e acontecimentos. Sem falar num diário de Machado de Assis, principalmente o já maduro, aquele que principia com Brás Cubas e termina com o Conselheiro Aires. Imagine-se o arquivo de sabedoria que seriam essas páginas, sem falar no que seria, provavelmente, um dos mais autorizados testemunhos da transição do Segundo Reinado para os começos de nossa atabalhoada República.

Igualmente, dá para imaginar o quanto seria revelador um eventual diário de Millor ou de Paulo Francis, apesar de ambos serem improváveis diaristas.

Os personagens mais complexos e menos expansivos é que certamente seriam os autores dos mais interessantes diários. Porque quanto a esses, os calados, é que avulta nossa vontade de saber os pensamentos íntimos, as impressões pessoais, as explicações nunca externadas. As figuras falantes, comunicativas, normalmente já se mostram no dia a dia, sem prejuízo, evidentemente, daquelas que, sem deixar de falar muito, reservam para o diário sua intimidade mais profunda. Juscelino não nos deixou um diário, mas Jorge Amado sim (*Navegação de cabotagem*), apesar de raso.

Na área das memórias também há tesouros. Delas destaco as de Afonso Arinos de Melo Franco, uma das figuras importantes de nosso século passado. Pura personificação do intelectual completo, talentoso e produtivo em múltiplos aspectos, como jurista, político e homem de letras. Autor de obra vasta e relevante. Membro de importante estirpe brasileira, que inclui escritores, políticos e diplomatas, conviveu em ▶

► casa, desde cedo, com destacadas figuras brasileiras de sua época. Seu pai, Afrânio de Melo Franco, um dos líderes de 1930, foi ministro de Relações Exteriores do primeiro governo de Getúlio. Arinos viajou a vida inteira, morou em Genebra e conheceu Roma como a palma da mão, chegando até a escrever um livro sobre a velha urbe (*Amor a Roma*). Mas foi em seu monumental *A Alma do Tempo* que ele rememorou sua caminhada pela vida afora, pintando um mural que abrange todo o seu século, num estilo clássico de mestre da língua. Verdadeiro cidadão do mundo, homem civilizado até nos menores gestos, Afonso foi, sem nenhuma dúvida, dos maiores brasileiros de seu tempo.

Memórias deleitosas também são as de Augusto Frederico Schmidt, o poeta, o empreendedor, o amigo de Juscelino. Deixou dois volumes memorialísticos: *O Galo Branco* e *As Florestas*. Leituras prazerosas e tocantes, marcadas suavemente pela melancolia que sempre acompanhou o autor. Para os anais históricos, entrou sua narrativa de seu encontro com Getúlio na véspera do suicídio do político, 23 de agosto de 1954. Provavelmente, foi a última audiência concedida a um particular pelo presidente já tocado pela morte. Falaram, inicialmente, sobre questões econômicas corriqueiras, assunto que, àquela altura, certamente pouco importava a Getúlio. Mas, segundo Schmidt, ele ouviu com atenção e fez perguntas a respeito. Até que o poeta interrompe a conversa prosaica e vai direto ao drama então vivido pelo outro. Getúlio lhe responde tranquilamente, com a serenidade dos que tomaram o destino na mão: “Já tomei minha decisão”. No dia seguinte, pela manhã, como todos os brasileiros, um surpreso Schmidt saberia qual tinha sido essa resolução. E saberia também que, com aquela audiência no dia anterior, tinha, involuntariamente, entrado para a história do Brasil.

Tantas outras memórias. As de Stefan Zweig (*O Mundo Que Eu Vi*), as de Raquel de Queiroz (*Tantos Anos*), as de Osias Gomes (*Baruque*), as de Ledo Ivo (*Confissões de um Poeta*), as de Zé Lins (*Meus*

ILUSTRAÇÃO: TONIO



verdes anos), as de Gilberto Freyre (*De menino a Homem*), as de Gore Vidal (*Palimpsesto*) e de muitos outros mais. José Américo deu-nos apenas suas memórias da infância (*Antes que me esqueça*), ficando a dever a continuação preciosa que não houve.

E, se o leitor me permite, não poderia deixar de falar em meu preferido, o santo de minha modesta devoção: Antonio Carlos Villaça, considerado por muitos o maior memorialista do Brasil. Uma vida inteira dedicada aos livros e ao mundo literário, com seus personagens maiores e menores, os fatos pitorescos da vida dos escritores, as posses na Academia e no Pen Club, os velórios, os enterros, as recepções, os almoços e jantares íntimos e festivos, as observações inteligentes sobre os homens de letras do Brasil e do mundo, feitas com a autoridade de quem muito viajou e muito conviveu. Levou a vida

toda tragicamente dividido entre o recolhimento dos claustros e a mundanidade da vida literária, tudo transformando em escrita, obedecendo a máxima de Mallarmé, segundo a qual “A vida acontece para se converter em livro.”.

Nosso Chico Viana é um dos maiores conhecedores da produção de Villaça, tendo-a escolhido para tema de sua dissertação de mestrado (*Travessia do mosteiro*), no Rio de Janeiro. Mas aproveitou para conhecer e conviver com o autor, chegando a ouvir dele verdadeiras e íntimas confissões, indispensáveis para uma fiel compreensão de sua obra.

Villaça, o infatigável. O gordo Villaça, quase sempre vestido de preto, tal como o vi aqui, certa manhã distante, no auditório do CCHLA/UFPB. Conheceu praticamente todo mundo que importava em sua época. Conversou com Jacques Maritain e com Thomas Merton. Deu palestras por esse Brasil afora. Esteve na fazenda de Raquel de Queiroz, em Quixadá, interior do Ceará, fim de mundo árido, onde, ao chegar, foi confundido pela empregada da casa com uma autoridade eclesiástica: “Dona Raquel, o bispo chegou.”. Ele achou muita graça. Esteve aqui em João Pessoa com José Américo, na famosa varanda do Cabo Branco. Tudo registrado detalhadamente por escrito. E depois repartido gostosamente com os leitores.

O já idoso Machado, em carta a Joaquim Nabuco, escreveu que “O passado ainda é a melhor parte do presente.”. Pode parecer passadismo, mas não é. É apenas a consciência de que, se não possuímos o presente, que ainda estamos a viver, nem o futuro, que ainda está por vir, o que nos pertence com certeza e segurança é somente o que já passou, aquilo que não pode mais ser mudado (nem pelo onipotente Deus, afirmam os filósofos), única matéria (puro pensamento) com que podemos tentar construir alguma coisa - e compreender. ✦

Francisco Gil Messias, paraibano de João Pessoa, onde reside, é bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e mestre em Direito do Estado, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É membro da Academia Paraibana de Filosofia e do Instituto de Estudos Kelsenianos. Publicou os livros *Olhares - poemas bissexto* e *A medida do possível* (e outros poemas da Aldeia). Contato: gmessias@reitoria.ufpb.br.

A solidão devora



O ato da leitura ilustra muito bem um estado de solidão. Walter Benjamin (*Magia e Técnica, Arte e Política*, 1994, p. 213) diz isso de uma forma bastante poética, quando afirma que “o leitor de um romance é solitário. Mais solitário que qualquer outro leitor (pois mesmo quem lê um poema está disposto a declamá-lo em voz alta para um ouvinte ocasional). Nessa solidão, o leitor do romance se apodera ciosamente da matéria de sua leitura. Quer transformá-la em coisa sua, devorá-la, de certo modo. Sim, ele destrói, devora a substância lida, como o fogo devora lenha na lareira. A tensão que atravessa o romance se assemelha muito à corrente de ar que alimenta e reanima a chama”.

Num mesmo sentido, consideremos, também, o estado da solidão no ato da escrita. Mario Vargas Llosa (*García Márquez: Historia de Undeicídio*, 1971), por exemplo, em sua tese de doutoramento sobre

Gabriel García Márquez, descreve como “demônios de escritor” alguns elementos que acercam o escritor colombiano, dentre os quais destaca o “demônio da solidão”, que é, além de condição para sua escrita, tema que o perseguiu pela vida inteira. Para escrever *Cem Anos de Solidão*, García Márquez praticamente se enclausurou durante um ano e meio em seu

REPRODUÇÃO



Walter Benjamin, que cunhou a frase: “o leitor de um romance é solitário”

escritório, ao qual deu o nome de “La Cueva de laMafia”. Lá trabalhava de oito a dez horas por dia em frente a sua máquina de escrever e, às vezes, ao final da jornada diária, só lhe ocorria de ter escrito um parágrafo.

Reconhecer essas duas solidões, necessárias às condições de leitor e de escritor, auxilia na compreensão de que a recepção estética na literaturapode ser apreciadaa partir do lugar existencial de onde se lê somado ao lugar existencial representado naquilo que se lê. A partir desses lugares e imbuídos de tudo o que os configura, acessamos representações de complexidades humanas que, uma vez acionadas na e pela recepção estética, definem, no leitor, o grau do gosto e da compreensão da obra lida, bem como o modo de interpretá-la. Assim a literatura segue em sua função catártica.

E neste fatídico ano de 2020, dada a condição ainda mais marcante de ser leitor solitário, porque isolado socialmente, a leitura literária pode provocar ainda mais reflexões sobre os significados de solidão e de seus temas afins. Dessa forma, é possível que a leitura de uma determinada obra cause muitas inquietações, devido ao momento existencial e/ou ao contexto histórico em que é lida como, por exemplo, ler *O Deserto dos Tártaros*, de Dino Buzzati (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018) no Brasil, no ano de 2020.

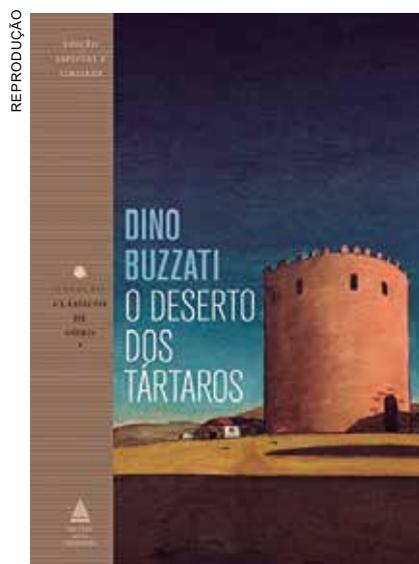
O romance conta a história de Giovanni Drogo que, almejando notabilidade em sua carreira de militar, aceita a incumbência de

▶ assumir posto no Forte Bastiani. Na espera de uma guerra que nunca chega, o que pode parecer algo completamente sem sentido, Drogo é levado a viver a sua “existência errada”, marcada, sobremaneira, pelo sentimento de solidão que, sob a ótica de um narrador em terceira pessoa, é representado de forma oscilante: ora pela sugestão de objetividade e distanciamento, próprios desse tipo de narrador; ora pela onisciência seletiva pela qual anuncia sentimentos e pensamentos do protagonista, relacionados à sua angustiada solidão. Então, ler esse romance num momento em que o distanciamento das pessoas é imposto por uma pandemia que acomete o planeta, resignificando o valor da vida humana, é algo, no mínimo, bastante provocador.

Em resenha publicada no livro *O Discurso e a Cidade* (Editora Duas Cidades, 1993), o crítico Antonio Candido oferece uma chave de leitura interessante quando afirma que *O Deserto dos Tártaros* “é a ‘obra-prima insana’ criada pelo ‘formalismo militar’, gerando uma atitude coletiva que parece condicionada pela guerra iminente. Mas como esta nunca vem, ela gira em falso no vácuo anódino que tem sido por séculos a vida na Fortaleza, onde o rigor das sentinelas, dos turnos de guarda, das senhas e contra-senhas se organiza em relação a nada”.

Esse “vácuo anódino” a que os militares da fortaleza são lançados assim se define porque eles esperam pelo que não vem, porque, supostamente, não existe. Suas vidas se restringem a uma rotina de afazeres sem sentido porque a nada eles são conduzidos. Esse “nada” pode ser interpretado como a própria solidão do indivíduo, portanto, o seu deserto íntimo, e que vem a ser, para Candido, a “mensagem mais alta” do romance. Das muralhas do Forte Bastiani, Drogo vê passar, quase sem perceber, mais de 30 anos de sua vida, observando diariamente as sentinelas que “semelhante a um movimento pendular, [...] escandiam o caminho do tempo, sem romper o encanto daquela solidão que redundava imensa” (BUZZATI, p. 24).

Em sua autoestima desgastada, Drogo vive no Forte Bastiani isola-



*Capa do livro de
Dino Buzzati:
‘obra-prima
insana’ criada
pelo ‘formalismo
militar’*

do daqueles que supõe amar, mas sobressaltado por reflexões que instigam uma compreensão bastante interessante do que vem a ser solidão para ele: “Aos poucos a fé se enfraquecia. É difícil acreditar numa coisa quando se está sozinho e não se pode falar com ninguém. Justamente naquela época Drogo deu-se conta de que os homens, ainda que possam se querer bem, permanecem sempre distantes; que, se alguém sofre, a dor é totalmente sua, ninguém mais pode tomar para si uma mínima parte dela; que, se alguém sofre, os outros não vão sofrer por isso, ainda que o amor seja grande, e é isso o que causa a solidão da vida”. (BUZZATI, p. 172).

A partir dessa reflexão, é possível construir um entendimento do sentimento de solidão a que fomos submetidos neste ano de 2020: nossa solidão atual não se restringe a um estado físico/geográfico por estarmos impedidos de nosso convívio social; podemos compreender nossa “solidão da vida” como decorrente da

nossa incapacidade de alcançar a dor do outro. E, para além dessa constatação, sentimo-nos solitários porque nos apercebemos órfãos de nossa pátria, exilados em nosso próprio chão, pois a nossa solidão não recai apenas na pessoa, em seu caráter individual; ela é também um caráter atual da nossa nacionalidade. No exercício do amor, acessar a dor do outro se torna quase uma utopia e, portanto, um projeto humanitário primoroso.

Ler o romance de Buzzati num momento em que nos encontramos tão sozinhos e tão solitários, ameaçados por um inimigo invisível e a partir de um lugar social constituído por um país completamente desgovernado, no mínimo, aflitivo. É possível, portanto, que o romance não causasse o mesmo impacto se lido num outro momento histórico e numa outra condição existencial? Talvez. Porém o que importa aqui não é apenas definir o tamanho do impacto, mas a sua própria natureza, já que o romance nos oferece uma possibilidade de espelho quando podemos confirmar em nós alguns aspectos da vida ficcional de Drogo.

Nessa relação especular, seguimos configurando a nossa solidão, também, como a nossa “mensagem mais alta”, testemunhando da nossa janela-muralha os dias passarem, um, dois, cento e vinte dias, limpando a casa, colocando a mesa, arrumando armários, vestindo máscaras, enfim, nossos afazeres que às vezes parecem meio sem sentido também. Talvez possamos, no movimento diuturno do nascer e morrer do sol, vislumbrar alguma mudança no horizonte desse deserto que é, igualmente, nossa solidão e a do nosso personagem em questão. Talvez essa “amiga das horas” nos ajude a recordar os “duros prazos da vida”, restando a nós oferecer a ela a companhia necessária de um romance, transformando, assim, a matéria lida em coisa nossa e devorando essa matéria “como o fogo devora lenha na lareira”. ✖

Analice Pereira é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção. Mora em João Pessoa (PB).

Acordo de confidencialidade E INTERESSE PÚBLICO

Gustavo Martins de Almeida

Especial para o *Correio das Artes*

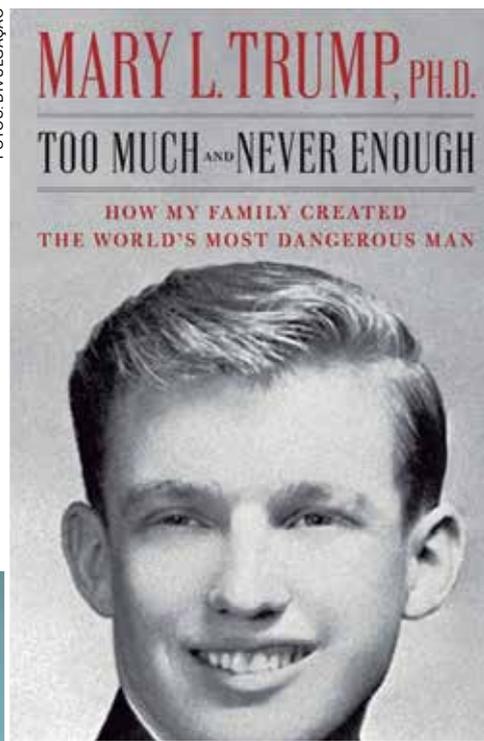
A jornalista Susanne Craig, do jornal *The New York Times*, não imaginava o que obteria, quando, em 2017, foi procurar Mary Trump, sobrinha de Donald Trump, para obter informações a respeito do seu tio. Arredia a princípio, a psicóloga acabou concordando em entregar al-

guns documentos a jornalista relativos ao inventário de seu avô, Fred Trump, pai do Presidente dos EUA. Susanne publicou reportagem no *NYT* – que recebeu o Prêmio Pulitzer de 2019 – sobre a obtenção de vantagens tributárias no inventário de Fred Trump, que renderam a seu filho Donald, ao menos 413 milhões de dólares.

Mary resolveu então escrever sobre o litígio judicial abrangendo esse inventário, ocorrido entre 1999 e 2001, que terminou num acordo com cláusula de confidencialidade, de modo que nada poderia ser publicado sobre a família, salvo se todos os signatários concordassem com a publicação. Mary se ressentia da morte precoce de seu pai Fred Trump Jr., por alcoolismo, segundo ela derivado das pressões sofridas por seus familiares, principalmente o Presidente.

O iminente lançamento do livro *Too Much and Never Enough, How My Family Created the World's Most Dangerous Man* (“Muito e Nunca Suficiente, Como Minha Família Criou o Mais Perigoso Homem do Mundo”), pela editora Simon & Schuster (ainda inédito no Brasil), chegou a ser suspenso temporariamente (“temporarily restraining order”), no dia 30 de junho pelo Juiz Hal Greenwald, ▶

FOTOS: DIVULGAÇÃO



“Muito e Nunca Suficiente”: livro de Mary L. Trump chegou a ser vetado pela Justiça americana, mas foi liberado dias depois e sai, nos EUA, com uma tiragem de 75 mil cópias

LIVRO ESCANCARA LITÍGIO ENVOLVENDO INVENTÁRIO DO AVÔ, QUE ACABOU RENDENDO A DONALD TRUMP, MAIS DE 400 MILHÕES DE DÓLARES





da Corte Superior do Estado de Nova Iorque, que acatou um pedido de Robert Trump, irmão do presidente, para sustar a edição, impressão ou distribuição do livro de Mary S. Trump sobre a Família Trump, inclusive o presidente Donald Trump.

Porém, em 2 de julho, o Magistrado Alan D. Scheinkman, de uma Corte Recursal de Nova York, reformou a decisão de suspensão temporária com relação a editora, e autorizou-a a publicar o livro, mas não o fez em relação a autora Mary Trump.

Assim, a editora pode publicar o livro – seria lançado em 23 de julho, mas foi adiantado para 14 de julho - no entanto a autora não pode revelar o seu conteúdo. O argumento que ele usou foi bem semelhante ao que salientei em outro artigo; será que um acordo de confidencialidade envolvendo relações familiares, imóveis e aspectos patrimoniais, celebrado 20 anos atrás, quando Donald Trump estava longe de ser candidato a presidente, tem o mesmo efeito no momento em que ele se torna uma pessoa pública? Se efetivamente ocorrer a proibição, como serão compostos os prejuízos suportados, relativos à impressão, adiantamentos, divulgação, venda de direitos para outros países, etc. Os originais foram entregues em 7 de maio e, em 25 de junho, já começou a produção, que está com 75 mil exemplares prontos e outros milhares sendo distribuídos.

A editora sustenta que adquiriu o livro num leilão com mais nove concorrentes, que foi surpreendida com a notícia do acordo de confidencialidade assina-

do por Mary, já que, ao celebrar o contrato de edição, a autora afirmara peremptoriamente que não havia qualquer impedimento a publicação do conteúdo do livro.

Relembre-se que a mesma editora, Simon & Schuster, acaba de publicar o livro de John Bolton, ex-assessor de segurança nacional de Donald Trump, *The Room where it Hapenned* (em tradução livre, “A sala onde tudo aconteceu”), que teve tentativa judicial de proibição frustrada e já vendeu 780 mil exemplares em cinco semanas.

O caso envolve dois aspectos fundamentais: o alcance de acordo de confidencialidade, mesmo que atinja fatos de interesse público superveniente, e a boa-fé de editora que assinou contrato com autora, dizendo-se sem impedimento para publicar um livro, e que parece não ter correspondido à realidade.

A liberdade de expressão e liberdade contratual são os vetores desse fato. Até que ponto o acordo de confidencialidade, celebrado em 2001, quando aparentemente não havia interesse de Donald Trump em se candidatar a Casa Branca pode ser desconsiderado? Qual o alcance da vida privada de pessoa pública?

O jornal inglês *The Independent*, em edição de 7 de julho¹, infor-

O argumento do magistrado foi: será que um acordo de confidencialidade envolvendo relações familiares, imóveis e aspectos patrimoniais, celebrado 20 anos atrás tem o mesmo efeito no momento em que Trump se torna uma pessoa pública?

ma que, segundo o livro, Donald teria pago um colega para fazer seus exames de colégio, que sua irmã, a juíza federal aposentada Maryanne Trump Barry, teria dito, ainda segundo Mary, que o irmão não teria condições de ganhar a eleição presidencial, e que teria cinco falências. Já a autora Mary, que é psicóloga, questiona o caráter narcisista do tio, que seria uma pessoa “tóxica”.

Portanto, persiste a discussão sobre a possibilidade de divulgação de fatos privados em relação a pessoa pública! *Fake news* e realidade são questões centrais atualíssimas, ligadas ao “infotainment” mundial, em que cada pessoa é receptora, mas também produtora e emissora de conteúdo. Liberdade de expressão mais que nunca em evidência, abalando um ditado da vetusta política brasileira, segundo o qual o importante é a versão e não o fato.

Em paralelo, a editora que assinou contrato de boa-fé, segundo consta, pode ser punida? A demanda judicial está apenas começando e o enredo promete. ❖

¹ <https://www.independent.co.uk/voices/mary-trump-book-niece-summary-highlights-too-much-and-never-enougha9606671.html>

Gustavo Martins de Almeida é advogado, mestre e doutor em Direito, membro da Comissão de Direito Autoral, Entretenimento e Digital da OAB e IAB. Consultor do Sindicato Nacional dos Editores de Livros. Escreve para o site Publishnews.com.br, Mora e trabalha no Rio de Janeiro

Reinaldo Moraes, romancista



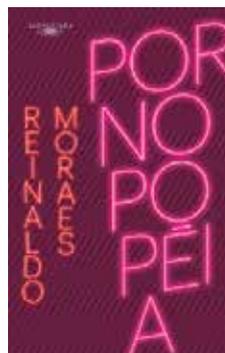
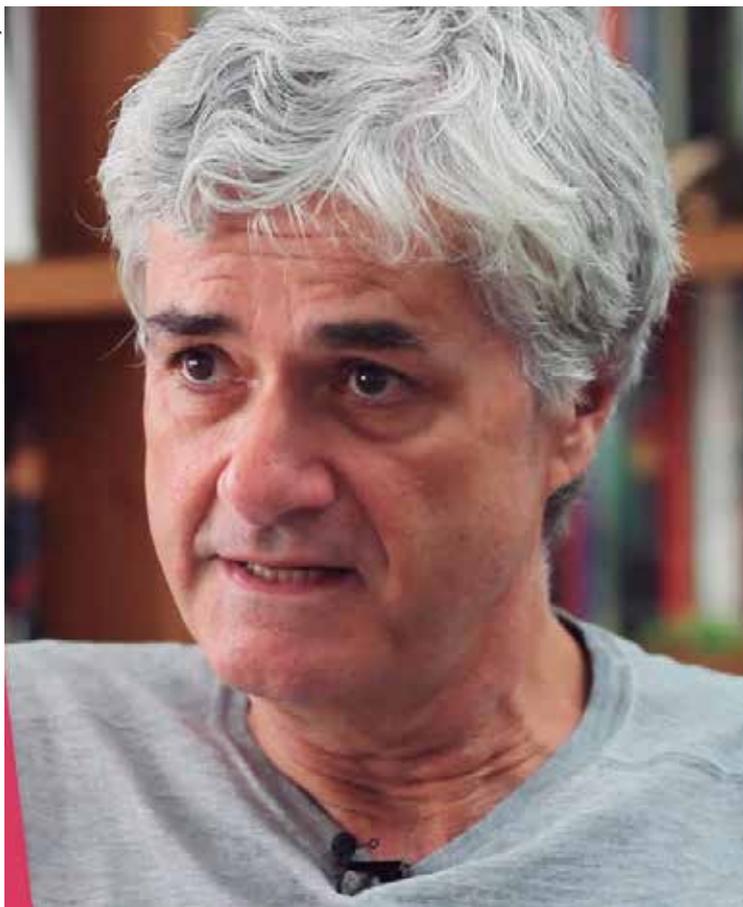
Reinaldo Moraes (1950) é paulistano, formado em Administração pela Getúlio Vargas. Romancista, roteirista, tradutor, contista, cronista, dramaturgo. Como fotógrafo, é autor da bela e polêmica foto da capa do disco *Todos os Olhos* (1973), de Tom Zé.

Em *Maior que o Mundo* (2018), seu mais recente romance, Reinaldo Moraes, como de costume, faz do protagonista seu alter ego meio acordado, meio dormindo, como gosta de dizer.

Se isto não interessa à feitura estética da linguagem da obra, sem dúvida dá um frisson à leitura. Máscaras e nove horas à parte, é sim um afago no ego de gregos e paraibanos. Claro que é.

No novo romance, Kabeto é o espelho do escritor e, ironicamente, é um escritor com bloqueio criativo. Vive na cidade de São Paulo. Na verdade, viver diz pouco da relação que Kabeto mantém com a cidade. Ele respira em osmose com a metrópole. Com um gravadorzinho K7 em punho, sobe e desce a

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Reinaldo Moraes: como de costume, em 'Maior que o Mundo' ele faz do protagonista seu alter ego meio acordado, meio dormindo, abaixo, capa de 'Pornopopéia', obra-prima do autor

♦ rua Augusta, zanza por Pinheiros, Pompeia, Perdizes, Centro e alguma periferia. No ranger dos ovos, Kabeto e Sampa estão impregnados e amalgamados um no outro com tal intensidade que a própria linguagem reflete intrépida a impregnação mútua.

Nem sempre Sampa esteve arraigada na narrativa de Reinaldo Moraes. No romance de estreia, *Tanto Faz* (1981), ela é um ponto de partida de Ricardo Mello (observe que o protagonista tem as iniciais e o mesmo número de sílabas do nome do autor), que vive em Paris.

Aqui, o texto de Reinaldo Moraes é marcado por uma linguagem radicalmente fragmentada, pleno de sexo, drogas e bebidas. Tudo em excesso. E sem um eixo direcionador. Todos os personagens que aparecem bebem, fazem sexo, drogam-se e continuam, sem dizer de onde vieram e para onde vão. Seus planos, destinos, objetivos. Quem sabe? Para que saber? Tudo ao léu.

Indo na contramão da literatura engajada da época, o livro esgotou três edições rapidamente. Era o tempo da abertura política, luta pelas diretas. A inovação da linguagem e a liberdade temática de *Tanto faz*, consideradas por uns alienação, e por outros libertação, de fato oxigenaram a cena nacional.

Quatro anos depois veio *Abacaxi* (1985), romance linear da primeira à última linha. Uma linearidade rigorosamente bem estruturada, agarrando o leitor num texto apaixonante.

Nada de suspense, mas novamente muito sexo, drogas e bebidas. E o mesmo coloquialismo de linguagem, fazendo o texto fluir sem entraves. Quincas, o protagonista, passa uma temporada em Nova Iorque e depois desembarca no Rio onde vive uma grande aventura de sex and drugs.

Se o tema insiste em bater na mesma tecla, a linguagem ousa ir na direção do conhecido. E aí o autor demonstra o domínio da narrativa. Diálogos vibrantes e uma sintaxe impecável.

Os dois primeiros romances se complementam de tal forma que acabaram sendo relançados num único volume. E não deixaram de continuar encantando e assustan-

do público e crítica. Infelizmente o país, literária e culturalmente, mudou menos que pensamos, nas últimas três ou quatro décadas.

Dezessete anos se passaram para que o autor lançasse um novo título. O que desmente o papo conservador, careta e, quiçá, maledicente de que R. Moraes descobriu a fórmula do sucesso com drogas e obscenidades em seus romances.

Mas foi depois de 24 anos que ele retomou o fio da meada de *Tanto faz* ao publicar aquele que é considerado sua obra-prima: o romance *Pornopopéia* (a pedido do autor o livro não usa a nova ortografia), que é, antes de mais nada, rigorosamente bem escrito. E revela ser escrito por um autor que conhece minuciosamente a língua portuguesa. Por isso, sabe tirar proveito dela em vários sentidos. Um deles, o humor.

O narrador é um escritor/cineasta junkie. Este estado de dupla imaginação lança a narrativa a, no mínimo, uma raiz quadrada de todas as formulações fictícias que o leitor vai encontrar pela frente. Isso já é matematicamente burlesco. Faz rir. Mas pode zombar. Ser delicado no sorriso. Ou gaiato na risada. Parceiro ou perverso. Todavia sempre riso. Nunca siso.

O livro, com suas quase 500 páginas, tem conquistado público e crítica desde o lançamento em 2009. O personagem Zé Carlos é um cineasta fracassado que sobrevive de fazer vídeos promocionais para empresas. Até que um dia isto se torna insuportável. Exaurido, se lança no mundo das drogas e das bebidas. O sexo logo entra para completar a trindade das complicações que irão surgir.

O texto, como sempre, enriquece-se com expressões de gírias próprias da época e das cenas e performances do momento. O humor e a decepção alternam-se no vaivém da euforia e depressão. A narrativa segue o ritmo dos pensamentos de Zé Carlos, alterados pelas drogas, bebidas, suas fantasias. Seus quarenta e dois anos, o sonho do cinema, o sonho da literatura. O próprio sonho, a vida.

Já Kabeto, protagonista de

Maior que o Mundo, é um ex-drogado, em crise com a criação, sem ter sequer a ideia inicial para um romance. Começa a gravar falas pelas ruas de Sampa à cata daquela que pode ser a frase que inaugurará seu romance. Acredita que um bom romance se abre com frase de efeito. Sem este abre-te Sésamo, nada dará certo. Com ela, tudo fluirá milagrosamente.

Assim, sob sol e chuva, lá está Kabeto com seu gravadorzinho K7 tentando achar a frase shazam! A narrativa anda, vários personagens surgem. Eles interferem na vida de Kabeto. Coisa rara. Uma novidade esta interação de Kabeto com outros personagens. Inclusive sua mãe, com quem tem uma relacionamento conflituoso no início da narrativa, agora passa a ter voz. A tal ponto que, no final, a hostilidade, ou ao menos a indiferença, se abranda, chegando a ser quase ternura.

O próprio Kabeto passa de junkie a ex-cocainômano. Assume sua vida de solitário e passa a viver assim, sem as drogas, as bebidas, o sexo incontrolável. Arruma o apartamento kitnet e planeja a retomada do trabalho na editora.

Reinaldo Moraes é um escritor coloquial, com grande domínio da língua portuguesa e que opera um cruzamento dos códigos alto e baixo da cultura popular e erudita com admirável desenvoltura e serenidade. O leitor desliza por seu texto com leveza e gostosura. Ler qualquer um de seus romances é um entretenimento de sabedoria brincante. É sentir aquele frissonzinho gostoso de quando se ouve e se forrozeia ao som de Jackson do Pandeiro ou Luiz Gonzaga ou Dominginhos ou Flávio José ou Chico César ou ou ou...

Maior que o Mundo é o livro inaugural de uma trilogia de Reinaldo Moraes. O segundo volume está pronto e prometido para ser lançado desde o final de 2019. Portanto, a qualquer hora estoura por aqui. Estamos a postos. Sanfona, zabumba e triângulo na ponta da agulha. Que venha. ■

Amador Ribeiro Neto é poeta, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)



Suicídio

– a (in)transcendência

Irani Medeiros

Especial para o *Correio das Artes*

O filósofo argelino Albert Camus escreveu em *o Mito de Sísifo* que o suicídio era “problema filosófico verdadeiramente sério”. Já Fernando Pessoa disse assim: “Por que vivo, quem sou, o que sou, que me leva? Que serei para morte? Para a vida o que sou? Cerca-me o mistério, a ilusão e a descrença. O meu pavor de ser, nada há que te vença! A vida como a morte é o mesmo mal!”.

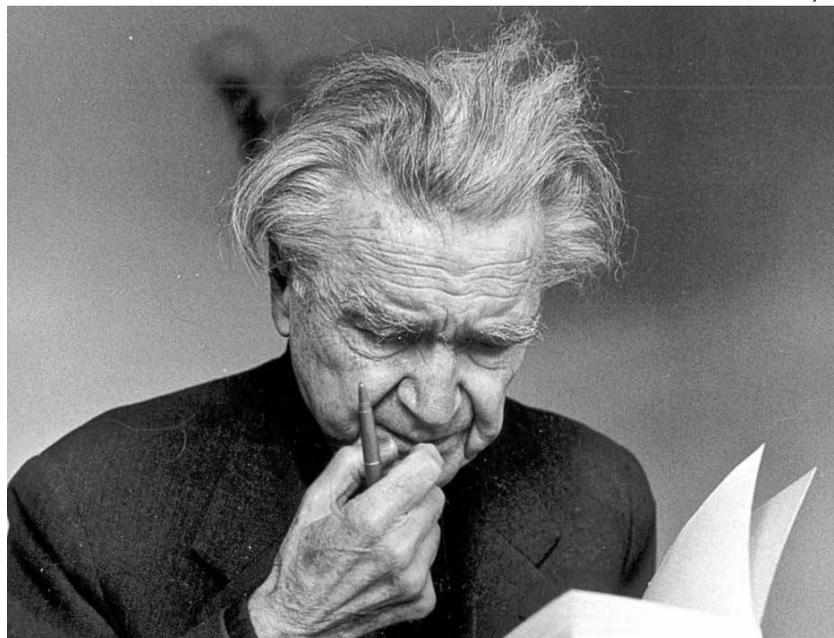
Colocamos aqui a visão de alguns pensadores sobre o tema, tais como: Emil Cioran, Santo Tomás de Aquino, Jean-Jacques Rousseau. Assunto controverso e muito delicado.

“Por que não me mato?”. Essa pergunta foi do filósofo romeno Emil Cioran (1911-1995), que apesar disso não se suicidou, mas desejou fazê-lo muitas vezes. Questionamentos como esse são típicos da psicologia suicida. O problema do enfretamento da morte a pretexto de libertação, mais do que coragem, exige consciência de que tudo está perdido e não há mais saídas a garantir que a vida vale a pena ser vivida. Os casos de suicídio são marcados por um traço peculiar: a solidão. Suicidas são, amiúde, solitários e dão adeus ao mundo mergulhados na solidão; se não é assim, vejamos o que nos diz Cioran do cenário propício ao suicida. “Quando levantamos à noite buscan-

do desesperadamente por uma derradeira explicação, mas ao constatar a nossa solidão, porque todos dormem, desistimos de nossa intenção, pois como abandonar um mundo onde se pode ainda estar sozinho?”

O filósofo romeno tinha uma propensão para um adeus provocado. Basta lermos sua obra, *o Mau Demiurgo ou Encontros com o Suicídio*. Dizia Cioran: “Faz bem pensar que a gente vai se matar.” Em uma entrevista concedida em 1995, declamou: “Na minha juventude, eu vivi todo dia com essa ideia do suicídio. Mais tarde também, e até agora, mas talvez não como a mesma intensidade. E se eu ainda estou vivo é graças a essa ideia. Eu só pude suportar a vida graças a ela, ela foi meu suporte: ‘És mestre de tua vida, podes matar-te quando quiseres’ e todas as minhas loucuras, todos meus excessos, foi assim que eu pude suportá-los. E pouco a pouco essa ideia começou a se tornar algo como Deus para um cristão, um apoio; eu tinha um ponto fixo na vida”. Cioran não se suicidou, morreu de morte natural aos 84 anos.

O mundo hodierno, estigmatizado pelo consumismo e imediatismo do sistema capitalista, remete o ser humano a viver uma vida desprovida de qualquer sentido ou a ter ▶



Emil Cioran: filósofo romeno dizia que se mantinha vivo graças a idéia de se matar; morreu de morte natural aos 84 anos

▶ uma existência absurda, acompanhada pelo asco, pela náusea, tal qual a de Roquentin, personagem de Sartre; ou ainda leva-o ao deserto e vazio da alma. Essas são algumas das peculiaridades do mundo atual. O ser humano entediado com tal cenário e decepcionado com os seus problemas insolúveis, o que lhe vem logo à mente, sem dúvida, é aquela ideia à que Emil Cioran se refere e que Nietzsche enaltece: “A ideia do suicídio é um poderoso consolo; ela ajuda a passar mais uma noite ruim.”

CORAGEM OU COVARDIA.

O suicídio não é coisa dos dias atuais, remonta à antiguidade. Vamos lembrar o nome de Egésia, filósofo representante do hedonismo de característica cirenaica. Egésia tinha a alcunha de Peisithánatos, isto é aquele que persuade a morrer. Assim, por ser defensor aberto e incentivador do suicídio, foi proibido pelo Rei Ptolomeu de dar aulas, pois sua docência era tão convincente que muitos de seus alunos encaravam a morte como poucos encarariam, fitamente, o sol do meio-dia.

A posição de Egésia é uma das mais radicais. Assim, no sentido em que cultua o suicídio, morrer é libertar-se; portanto, para ele, “o verdadeiro fim da ação humana não é a satisfação do prazer, mas a exclusão da dor, por quantos esforços, o homem faça, jamais con-

seguirá escapar realmente à dor, à má sorte, ao absurdo, à ausência de sentido, à futilidade da felicidade”.

Mas segundo os epicureus (epicuristas), para quem a vida deve ser tomada sempre pelo prazer, não sendo desse modo, a melhor saída é a morte, pondo um ponto final em todas as questões. “Se a vida, ao invés de ser fonte de felicidade e prazer, torna-se dolorosa, mórbida, geradora de sofrimentos e aflições, não mais nada de natural e justo que matar-se, saindo dela por livre decisão.” Portanto, conforme Rossano Pecoraro, “apenas o sábio pode calcular o preciso momento de dar adeus ao mundo e sair deste com honra quando a hora chegar.” Já no Fédon do qual Montaigne se utiliza nos *Ensaíos*, qual seja, “filosofar é aprender a morrer.”

Para os estoicos, o tema da morte era uma questão natural, pois a filosofia estoica assume uma postura de total indiferença e resignação a todos os reveses que a vida oferecer. Nesse plano, morrer é, antes de tudo, um ato de conformidade com o logos, em que a morte voluntária de ser

um intento racional e não uma insanidade ou uma fuga gratuita, determinada por um evento trivial imposto pela vida. Daí terem os estoicos criado termo eulogos exagoge – “saída racional” – deixando claro que a morte de si não é um evento banal, movido por uma emoção qualquer. Já Cícero interpreta a filosofia estoica assim: “A ideia de manter-se ou não na vida deve ser escrupulosamente analisada, pois, às vezes, o sábio, mesmo se feliz, deve abandonar a vida, e o néscio, mesmo se infeliz, deverá continuar vivendo.”

Para o estoicismo, a morte voluntária não é saída, como queriam os epicuristas, para os sofrimentos. O que se postula na doutrina estoica é a resignação e o desprezo de todo tipo de sofrer; entretanto se o sofrimento ou a dor impedem o homem estoico de viver racionalmente, melhor deixar esse mundo.

Ainda para os estoicos “o suicídio é visto como um ato de razão, cumprido após uma fria avaliação dos prós e dos contras; um gesto lúcido, racional e consciente que permite abandonar uma vida na qual o sofrimento, a desesperança, a indignidade tornaram-se implacáveis tiranos.”

Por sua vez, Epicteto, moderadamente, defende uma posição mais branda. Ele, inspirado no exemplo de Sócrates, sustenta que só num caso muito particular a prática de tentar contra a própria vida deve ser levada a cabo, qual seja, em obediência a um sinal divino.

Como se vê, o suicídio, ao menos na concepção estoica, de certo modo não é um ato de covardia, como sustentava Aristóteles e Platão. Já da Idade Média, o suicídio é raechçado, implacavelmente, sem nenhum tipo de incerteza. O suicídio era um pecado imperdoável. Matar-se era uma afronta a Deus, que deu o sopro de vida, o animus, à materialidade humana. Daí Santo Tomás de Aquino afirmar que “suicídio é sempre pecado mortal, porque vai contra à caridade e à lei natural.”

Irani Medeiros, poeta e filósofo paraibano.

Sobre livros e cabras



M

ILUSTRAÇÃO: TONIO



eu pai é zootecnista. Era mais fácil de explicar na infância, quando eu podia dizer simplesmente que ele vivia de cabras. Da mesma forma que ele pode dizer hoje que o filho dele é escritor, e vive de livros. Óbvio que um escritor não vive apenas de livros. Como zootecnistas também não vivem somente de cabras. Mas, da mesma forma que eu nunca me arrisquei a perguntar, por exemplo, do que vivem os zootecnistas – ou mesmo como vivem os zootecnistas, se já existem os fazendeiros, os frigoríficos e, sobretudo, os veterinários para viver das cabras –, meu pai nunca se arriscou a perguntar do que vivem os escritores senão dos livros – ou como vivem os escritores, se já existem os editores, os distribuidores e, sobretudo, as livrarias para viver disso também.

Livros, obviamente, são muito diferentes de cabras. Para começo de conversa, livros são, convenhamos, bem mais fáceis de se encontrar do que cabras – embora não sejam tão fáceis de se vender. Um livro no Brasil custa, em média, R\$ 30. Um escritor ganha, geralmente, 10% do preço de capa do seu livro. Você não precisa ser um matemático, tampouco um zootecnista ▶

◆ ao rés da página

► ou um veterinário, para concluir que não dá para viver disso. Sim, escritores são péssimos em matemática, mas não é esse o ponto: eles sabem que jamais conseguirão vender, digamos, um livro por dia. E sabem também que, ainda que conseguissem, não dá para fazer, sequer, uma refeição no Brasil com R\$ 3 no bolso.

Eu não sei quanto custa uma cabra. Eu não sei quanto dinheiro um fazendeiro deve gastar nela, quanto de lucro ele consegue pelo seu leite, pelo seu couro ou pela sua carne, e quanto disso precisa ser investido em veterinários – e em zootecnistas, claro. Meu pai, entretanto, conseguiu sustentar toda a sua família, eu e mais outros dois irmãos mais novos, junto com a sua esposa (que não é zootecnista, mas trabalhava junto com ele no lugar onde ele era).

Uma criança custa muito mais que um livro – muito mais que uma cabra até. Cuidar de uma criança envolve, inclusive, o investimento em livros e, dependendo da intolerância à lactose ou da sensibilidade do paladar, o investimento em cabras (no seu leite, no seu couro, na sua carne). Neste ponto não sei exatamente para onde o raciocínio quer me levar, mas acho importante frisar que, diferente dos meus pais, minha esposa e eu somos um casal de escritores sem filhos, partidários da ética animal e um tanto resistentes à carne de buchada.

Atualmente, contemplamos aturdidos (como meus pais, na época deles, contemplaram) uma recessão econômica e uma revolução nas comunicações, uma crise que hoje não envolve apenas a decadência do livro em papel, mas de todo o nosso ganha-pão: jornais, revistas, editoras, distribuidoras e livrarias. Mais grave que isso, contemplamos um fenômeno político e social de desprezo a esta cultura analógica e a apologia não de uma nova cultura, digital, mas de uma *incultura*, que faz a cultura de massa parecer erudita, até.

Eis, enfim, um parágrafo sem cabras, numa pequena fábula que



ILUSTRAÇÃO: TONIO

não sei exatamente o que podemos ensinar sobre a crise – não aquela que meus pais enfrentaram nos anos 1980, quando toda esta história começou –, mas a que a minha geração está enfrentando agora, quase 40 anos mais tarde. O que sei é que tudo isso me lembra uma outra história – que, não por acaso, li num livro – que já tive a oportunidade de contar por aqui e que vou repetir, porque sei que não foi muito lida.

Trata-se da anedota da família que, muito pobre e com fome, pede a ajuda do político de uma pequena cidade. O político, preocupado com os seus votos e a sua reputação, se dispõe a ajudar e presenteia a família com uma cabra. A cabra, entretanto, começa a fazer sujeira na casa, destruir a plantação da família no quintal e acabar com a pouca comida e o pouco sustento de que a família dispunha. Eles voltam ao político que, de novo, se dispõe a resolver

o problema: ele toma a cabra de volta.

Eu não sou zootecnista, sou escritor. É muito possível que, se substituíssemos a cabra por um livro, nesta história, ela terminasse da mesma forma, com a família ainda muito pobre e com fome, mas sem um problema a mais em sua vida (a cabra ou o livro, que afinal ocupa muito espaço). Mas também é possível que, dentro do livro, a família achasse uma solução para um outro problema: o do político que os ludibriou, gerando um problema para fazê-los esquecer do anterior. É possível, também, que o político terminasse tomando o livro de volta (autoridades costumam se intimidar quando descobrem o poder de um “amontoado de coisas escritas”). Mas eis a principal diferença entre um livro e uma cabra: só o primeiro rende um patrimônio que ninguém, jamais, conseguirá te roubar. ✘

Tiago Germano é escritor, autor do romance “A Mulher Faminta” (Moinhos, 2018) e do livro de crônicas “Demônios Domésticos” (Le Chien, 2017), indicado ao Prêmio Jabuti. Mora em João Pessoa.



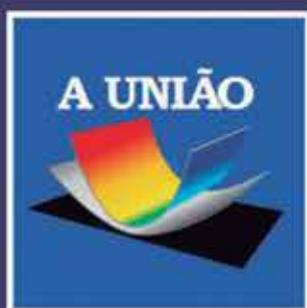
O encontro

Não veio como ele, impetuoso, queria. Veio aos poucos, comedida. E, para além da amurada, tinha um rio com areias nas margens, os amarelos do pôr do sol. Podia dizer agora aquilo que o torturava. Podia anunciar-lhe a flor que trazia no bolso. Mas conteve-se. Observou o rio, a regra da correnteza. Que é seguir sem sustos – até a cachoeira. ✦

ILUSTRAÇÃO: TONIO



Rinaldo de Fernandes
é escritor, crítico de literatura e professor da Universidade
Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).



127
Anos

Fazendo história desde 1893

O jornal A União está diariamente com o leitor que gosta de estar bem informado sobre as principais notícias da Paraíba, do Brasil e do mundo.

São matérias diárias sobre economia, esportes, cultura e entrevistas com a credibilidade de um jornal com 127 anos de história.

Fale com A UNIÃO

Reserve seu anúncio (83) 3218.6544
comercialauniaopb@yahoo.com.br
publicajornalauniao@gmail.com

Peça seu orçamento (83) 3218.6525
orcamento.auniao@gmail.com

Sugestão de pauta? (83) 3218.6539
uniaogovpb@gmail.com

Diário Oficial (83) 3218.6533
wdesdiario@epc.pb.gov.br

Faça sua assinatura (83) 3218.6518
circulacaoauniaopb@gmail.com

Publicidade Legal (83) 3218.6526
comercialauniaopb@yahoo.com.br



EMPRESA PARAIBANA
DE COMUNICAÇÃO



Faça parte do Sesc!



Comerciário

- Comprovante de Residência
- Carteira de Trabalho
- RG e CPF
- PIS/PASEP
- Foto 3x4
- Cópia da GRF e GPS

Dependente

- CTPS do Comerciário
- RG
- CPF (obrigatório a partir de 12 anos)
- Foto 3x4
- Certidão de Nascimento (Até 21 anos)
- Certidão de Casamento (Cônjuge)

Conveniado

- Comprovante de Residência
- Declaração do Convênio
- RG e CPF
- Foto 3x4

Usuário

- Comprovante de Residência
- RG e CPF
- Foto 3x4

VOCÊ SABIA QUE O **SESC** É UM DOS MAIORES PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL **DO MUNDO?**

informações: www.sescpb.com.br | (83) 3208.3162